

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

ERIKA PAULA DOS SANTOS

**FESTA NO CÉU, CONFLITO NA TERRA:
UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DE TURMAS DE “BALOEIROS” NA CIDADE DE
SÃO PAULO**

GUARULHOS

2016

ERIKA PAULA DOS SANTOS

**FESTA NO CÉU, CONFLITO NA TERRA:
UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DE TURMAS DE “BALOEIROS” NA CIDADE
DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de mestre em Ciências
Sociais pela Universidade Federal de São Paulo.

Orientadora: Andrea Cláudia Miguel Marques
Barbosa

Coorientador: Alexandre Barbosa Pereira

Guarulhos

2016

SANTOS, Erika Paula

Festa no céu, conflito na terra: um estudo das práticas de turmas de “baloeiros” na cidade de São Paulo / Erika Paula dos Santos. - Guarulhos, 2016.

102 páginas

Dissertação de mestrado – Ciências Sociais – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, 2014.

Orientador: Andrea Claudia Miguel Marques Barbosa.

Coorientador: Alexandre Barbosa Pereira

Título em inglês: Party in sky, conflict in the earth: a study of the balloonists groups practices of São Paulo.

1. Antropologia Urbana 2.baloeiros 3. Prática cultura 4. Ilegalidade 5.São Paulo

ERIKA PAULA DOS SANTOS

**FESTA NO CÉU, CONFLITO NA TERRA:
UM ESTUDO DAS PRÁTICAS DE TURMAS DE “BALOEIROS” NA CIDADE
DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de mestre em Ciências Sociais pela
Universidade Federal de São Paulo.

Orientadora: Andrea Cláudia Miguel Marques Barbosa.

Coorientador: Alexandre Barbosa Pereira

Aprovado em 23/02/2016

Prof.^a Dr.^a Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^o Dr. Alexandre Barbosa Pereira
Universidade Federal de São Paulo

Prof.^a Dr. Taniele Cristina Rui
Universidade Estadual de Campinas

Prof.^o Lindomar Albuquerque
Universidade Federal de São Paulo

Stella Christina Schrijnemaekers
Faculdade Escola de Sociologia e Política/SP

“Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”.

(Simone de Beauvoir)

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a minha querida orientadora Andrea Barbosa pela paciência, pelo incentivo, pelas questões inquietantes e pelo seu bom humor tão marcante e pelas caronas. A Alexandre Pereira Barbosa pela orientação tão atenciosa e instigadora, que me estimularam a enxergar novas possibilidades. Aos professores Lindomar Albuquerque, Taniele Rui e Marcos Rufino pelos preciosos comentários que ajudaram a enriquecer esse trabalho.

A Débora Faria, que se aventurou comigo em minha pesquisa de campo, e a todos os meus outros companheiros do grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas da Unifesp (VISURB); Janaína Andrade, Marcela Vasco, Fernando Camargo, Denise Ferreira, Rafael Freitas, Fernanda Matos, Fábio Santos, Debora Faria, , Juliane Yamanaka, Fernando Filho Paula Kakazu, Alexsânder Nakaóka e Cássia, que me ajudaram a explorar questões que contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

A minha mãe Judite que mesmo trabalhando muito e passando pouco tempo em casa sempre se fez presente. Os meus tios Vicente, Joel, Tereza e especialmente Rozete. Aos meus queridos primos Catiane, Claudiana, Roberta e Jeferson que em meio a brigas e discussões principalmente nos almoços em família, sempre compartilhamos sorrisos e angústias. A sorridente Isabelly, que com o sorriso mais lindo do mundo conseguia acalmar a minha alma nos momentos de desespero.

Aos amigos de longa data Franklin, Uélica, Rellykelma, Camila e Carolina Oliva, meus amigos de infância que mesmo na correria do dia a dia nunca me abandonaram e sempre arrumam um tempo para conversarmos e brindarmos. A Caroline Lima, Thaís, e Rafael amigos que me deram muita força desde o estresse do cursinho e que me acompanham e torcem por mim até hoje.

Ao meu casal querido Tarciso Cardoso e Jenifer Souza pelas discussões antropológicas e filosóficas, e por estarem sempre dispostos a abrirem a sua casa para aquela comidinha deliciosa com um bom tempero baiano. Aos unifespianos: Juliane Yamanaka, Paulo Reis, Sarah Toledo, Carla Carvalho, Arianne Lovo, Fernanda Matos, Carla Nonato e Ana Lídia. Principalmente as pimentinhas Natalia Sugiyama Carolina Zalpa, Cecília Grioles e Paula Santos. Obrigada a todos por tornarem os meus dias de Pimentas mais felizes e inesquecíveis.

Agradeço as companheiras de trabalho e luta Cintia Layse e Nádia Souza que sempre me estimularam a concluir esse trabalho, e pelos momentos de terapia realizados nas mesas de

bar. Ao Robson por procurar acalmar as minhas crises, tanto de asma como de ansiedade nos momentos de desespero do processo dessa pesquisa.

E por fim agradeço especialmente a todos os meus interlocutores baloeiros e baloeiras, fundamentais para que esse trabalho pudesse ser realizado, que mesmo em meio a insegurança me acolheram e compartilharam comigo as suas vidas. Muito obrigada por confiarem em mim, por compartilhar suas memórias, conhecimentos, vídeos, fotos, festas, suas famílias, suas bancadas e suas angústias.

Resumo

Este trabalho analisa as práticas de ação e as relações vivenciadas por grupos que se autodenominam turmas de baloeiros e que atua na região metropolitana de São Paulo. A partir de uma abordagem antropológica buscamos compreender como a atividade de construir, soltar e resgatar balões é articuladora de relações simbólicas e de práticas culturais nesses grupos, assim como estabelece relações de conflito com a legislação vigente, que desde 1998 classificou esse tipo de prática como crime ambiental. O objetivo, nesse sentido, foi pesquisar como se constroem essas práticas, e como as relações simbólicas são construídas nessa situação em que de um lado temos esses agentes que recuperam a ideia de tradição e arte para justificarem a sua ação, e por outro a acusação de ilegalidade.

Palavras-chave: Antropologia urbana, prática cultural, baloeiros, São Paulo

Abstract

This paper analyzes the action practices and the experienced realtions by groups that call themselves ballonists gangs and act in the metropolitan area of São Paulo. From an antropologic approach we search to comprehend how the activity of manufacturing, release and retrieve ballons is articulator of symbolic relations and cultural practices in these groups, as weel how establishes conflictual relations with the currente legislation, that since 1998 has classified this kind of practice as ambiental crime. The goal, in this sense, was research how this practices are given live, and how the symbolic realtions are built in this condition in which by one side we have this agents that recover the idea of tradition and art in order to justify their action, and in another side are charged of illegality.

key-words: Urban Anthropology, cultural practice, balloonist, Sao Paulo.

Sumário

Introdução -----	p.10
Capítulo I - Arte e conflito : Apresentação de uma controvérsia -----	p.19
1.1 Arte, crime e os usos da cultura-----	p.19
1.2 Memória e sociabilidade-----	p.33
Capítulo II - A bancada - A Ritualização do mundo do Balão: socialização e símbolos construídos acerca de sua confecção -----	p.41
2.1 O Balão-----	p.41
2.2 Sociabilidade e confecção-----	p.43
2.3 A Bancada-----	p.49
2.4 Balão e pipa-----	p.55
2.5 Mulheres e balões-----	p.57
Capítulo III – A Soltura -----	p.60
3.1 Do Campo ao Céu - Que comece o espetáculo!-----	p.60
3.2 Os baloeiros e seus conflitos-----	p.69
3.3 Baloeiro e o estado liminar -----	p.72
Capítulo IV – O Resgate -----	p.75
4.1 Arrebentando a boca do balão-----	p.75
4.2 Mulheres no resgate-----	p.86
Considerações finais -----	p.89
Anexos -----	p.95
Referências Bibliográfica -----	p.98

Introdução

“Amor, não fica brava vou ali soltar um balão e já volto”

Ouvi muitas vezes a frase acima, por quase 10 anos, e demorei a perceber a relevância antropológica que existia nela. Assim como a maioria das mulheres que fazem parte do mundo do balão, um dos meus primeiros contatos com ele foi através de um namorado que em quase todas as madrugadas de sextas-feiras e sábados me surpreendia com essa frase.

Cresci num bairro na periferia da zona oeste de São Paulo, onde era corriqueira a presença de balões no céu. Ainda adolescente observava que alguns colegas de escola e da rua onde morava conversavam sobre balão e até soltavam alguns pequenos nos finais de semana. Pouco tempo depois comecei a namorar um rapaz que confeccionava balão, mas até então não demonstrei curiosidade nem interesse por essa prática. Com o passar do tempo percebi que o círculo social ao qual ele pertencia era composto em sua maioria por baloeiros.

Assim como muitas namoradas de baloeiros, fui homenageada com um. Provavelmente esse foi uns dos primeiros lançamentos de balão que assisti, pois sempre recusava os convites, mas quando o convite foi feito sob a justificativa de que o balão seria solto em minha homenagem, me senti obrigada a aceitar. Lembro que era um balão simples decorado com corações e com um letreiro que formava meu nome. Achei o artefato bonito, mas não entendi o porquê de tantas pessoas se reunirem e adentrarem, ainda de madrugada, um terreno abandonado para vê-lo e ajudar na sua soltura.

É importante ressaltar que apesar da minha familiaridade com o espaço onde essas turmas agem isso não me proporciona uma compreensão imediata dos significados que norteiam esses grupos, pois assim como nos alerta Gilberto Velho “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas, até certo ponto conhecido” (VELHO, 1981:126)

Durante muito tempo tratei essa prática como algo insignificante, até o momento em que as noites na bancada¹ do meu então namorado, suas viagens ao interior para acompanhar a soltura de um balão e a sua ausência nos finais de semana começaram a me incomodar.

Quando isto aconteceu estava no penúltimo ano do curso de Ciências Sociais e matriculada numa disciplina da área de Antropologia Urbana. As experiências do primeiro contato com o mundo do balão atrelado ao incômodo causado pela ausência do meu namorado me fizeram refletir sobre a necessidade de analisar as relações possibilitadas por essa prática, assim como as ideias, símbolos e o contexto de conflito com a legalidade desses

¹ Espaço utilizado para confecção de balões.

grupos. Mobilizada por essa questão, realizei uma pequena etnografia para apresentar como trabalho final da disciplina, que posteriormente se transformou em meu projeto de pesquisa para o mestrado.

Cerca de três anos se passaram entre o primeiro exercício etnográfico, minha decisão em retomar ao tema de pesquisa e o contato com os baloeiros. Esse intervalo somado ao fim do meu namoro afrouxou os laços que tinha com alguns baloeiros. Perdi o contato com uns e outros não se demonstravam mais tão receptivos. Foi necessário, então, investir mais tempo e coragem para construir uma nova aproximação com esses interlocutores. Comecei a visitar mais páginas em redes sociais relacionadas ao tema onde eles divulgavam a realização de festivais de balões ecológicos e também as sessões realizadas em câmeras municipais da grande São Paulo que apresentavam a proposta para a legalização do balão ecológico.

Comecei a acompanhar esses eventos e me aproximando dos baloeiros, apresentava minha pesquisa. Foi assim que comecei a construir a rede que possibilitou esse estudo. Em junho de 2014, por intermédio de alguns amigos, soube da existência de um bar localizado na zona norte de São Paulo que as quintas feiras se transformava em ponto de encontro de baloeiros. Comecei a frequentar o bar e foi nesse momento que o meu campo se intensificou. Desde que estabeleci o primeiro contato com algumas turmas passei a frequentar pontos de encontro, festas, solturas, votações em câmeras municipais, enfim, momentos de convivência e engajamento do qual participam esses personagens. Assim pude compreender como eram estabelecidas as relações, nem sempre tranquilas, nesses grupos. Conheci vários baloeiros de turmas antigas de São Paulo, na maioria das situações fui bem recebida, mas houveram momentos em que era fortemente intimidada e questionada.

A minha inserção no campo não foi fácil, o acesso a informações e o contato com os integrantes foram dificultados por conta da questão da ilegalidade, o que deixaram muitos integrantes inseguros em falar comigo. A ilegalidade fazia com que os baloeiros se preocupassem em testar a veracidade e objetivo das nossas conversas e das entrevistas que fazia. Apesar de a situação ser delicada, consegui pouco a pouco construir uma relação de confiança e ao final das entrevistas muitos se prontificavam a me ajudar, oferecendo materiais de seus acervos particulares, como reportagens antigas publicadas em jornais, filmagens e os álbuns de figurinhas.

A desconfiança sempre foi algo presente no meu campo, mas a ameaça mais agressiva que sofri não veio de um baloeiro desconfiado de meu trabalho, mas sim da esposa de um deles que num ataque de ciúmes dirigiu palavras ofensivas contra mim e publicou ameaças

em minha página no *facebook* por acreditar que estava flertando com o seu marido. Sempre utilizei essa rede social como uma ferramenta para manter os contatos com os baloeiros, após a ameaça expliquei a seriedade do meu trabalho para a esposa ciumenta que nunca mais me dirigiu a palavra.

Se a desconfiança sempre “assombrou” minha pesquisa, esse ocorrido também simboliza outro grande impasse que encontrei: o fato de ser uma mulher adentrando um mundo fortemente marcado pela masculinidade.

Chegar desacompanhada nos espaços frequentados pelos baloeiros, principalmente no bar que era ponto de encontro, me gerava certo desconforto. Procurei contornar esses impasses indo a campo na maioria das vezes acompanhada por um primo, amigo ou amiga, essa estratégia colaborava para que os baloeiros fossem mais objetivos no desenrolar das entrevistas.

A minha pesquisa despertou interesse em alguns colegas do VISURB – Grupo de pesquisa urbanas e visuais, do qual faço parte desde 2008, a ponto de produzirmos um documentário sobre o tema. Foi então que a Débora Costa de Faria, pesquisadora do grupo, se envolveu na produção do documentário e resolveu me acompanhar nas saídas para a pesquisa de campo. Assim encontrei alguém para compartilhar as experiências de campo, trocar angústias e descobertas. Essa companhia foi importante, pois geralmente fazemos pesquisa de uma maneira solitária: adentramos e observamos um espaço desconhecido, e depois da pesquisa de campo escrevemos e analisamos os dados coletados sozinhos. Essa situação solitária, no meu caso, fazia com que várias vezes eu saísse do campo sentido uma necessidade enorme de conversar com alguém sobre o observado e o vivido. No meu caso essa solidão era ainda mais acentuada pela questão de gênero que se apresentava quase como um conflito.

Como apontado pelas antropólogas Alinne Bonetti e Soraya Fleischer no livro “*Entre saias justas e jogos de cintura*” (2007), embora antropólogos homens vivenciem situações de obstáculos em campo, há diferenças substantivas em relação as que as antropólogas experimentam. As autoras do livro apontam que há certa invisibilidade acerca dessa questão, sendo “quase como se os antropólogos não fossem homens e mulheres e que essa diferença não tivesse um peso forte pra gente” (BONETTI; FLEISCHER, 2007:14). Assim, não podemos desconsiderar que o gênero interfere na maneira que ocorre a coleta de dados e na própria construção do conhecimento antropológico.

Em vários momentos os homens me testavam para conferir a veracidade de minha pesquisa, sempre me perguntando *O que levava uma mulher a se interessar por esse tema?* Em algumas situações o fato de ser mulher contribuía e em outras atrapalhava a pesquisa. A maioria entendia a minha proposta e se dispunha a colaborar comigo e não posso negar que em algumas situações ser mulher facilitava a minha aproximação com os baloeiros que se aproximavam não apenas com o intuito de me ajudar, mas também de testarem a sua capacidade de sedução. Nesses casos eu precisava contornar esse tipo de investida e afirmar a minha posição de pesquisadora, o que na maioria das vezes era suficiente para que a conversa tomasse o rumo por mim desejado.

Muitos ao conversarem comigo também demonstravam certo cuidado e atenção com as palavras e expressões que utilizavam para que não ofendessem a mim “uma mulher”. Portanto percebi que em algumas situações a minha presença também gerava certo desconforto entre eles, que por se sentirem intimidados alteravam seu linguajar e algumas brincadeiras. Essa situação aponta um duplo estranhamento: meu em relação ao grupo, e do grupo em relação a mim. Era comum escutar “Para de falar besteira perto da menina”, como por exemplo, também as brincadeiras num grupo de baloeiros do aplicativo *whatsapp* que proibiram compartilhamento de vídeos e fotos sensuais ou pornográficas por eu, a única mulher, fazer parte do grupo, e quando algum membro compartilhava esse tipo de conteúdo era fortemente repreendido sob a justificativa de minha participação.

Esse estranhamento gerado por minha presença nos lugares frequentados por esses agentes foi um indicativo do lugar e significação que a mulher possui nesse mundo. Brincadeiras e tentativas de me rotularem ora me apontado como uma mulher de respeito, ora me questionando se eu era casada, comprometida, solteira ou se “*cortava para os dois lados*”, indicavam de que forma esses homens classificavam as mulheres, ou seja, quais elementos consideravam significativos nas mulheres que circulavam no mundo do balão.

Poucas são as mulheres que realmente confeccionam e soltam balão. A maioria das que integram esse mundo ingressaram da mesma maneira que eu, ou seja, frequentam a bancada, e o campo de soltura para acompanharem seus namorados ou maridos. As poucas mulheres que fazem balão e que não ingressaram por causa de namorados, tiveram os primeiros contatos com este artefato através dos pais, como veremos adiante. Algumas participam de resgate, mas esse é um dos momentos no qual o preconceito e a predominância de valores masculinos ficam mais bem demarcados. As mulheres que escolhem participar

ativamente, compartilham os mesmos valores e paixão, mas precisam enfrentar com muito *peito* os preconceitos de gênero que vigoram nesse mundo.

É importante ressaltar que esse trabalho não tem como tema, nem recorte principal a questão de gênero, mas ao longo da pesquisa etnográfica esse aspecto apareceu como um forte elemento que não poderia deixar de ser explicitado, já que esse tipo de relação interfere na construção da própria pesquisa, pois intensificam as dificuldades encontradas no processo de estranhamento do fazer etnográfico.

A apresentação dos primeiros impasses dessa pesquisa demonstra como essas dificuldades possibilitaram experiências que ajudaram a desvendar vários aspectos do mundo do balão. A questão de ser mulher atrelada à dificuldade em conseguir interlocutores por conta da questão da ilegalidade, mostrou que para conseguir adentrar nesse mundo tive que comprovar comprometimento, empenho, seriedade e respeito, aspectos esses que são fortemente valorizados pelos baloeiros.

O trabalho aqui desenvolvido teve como objetivo analisar as formas de sociabilidade e também de conflito que se constroem nos grupos de baloeiros na região metropolitana de São Paulo. Nos últimos anos, principalmente na década de 1980, esta prática vem se expandindo na cidade congregando um número de adeptos que originam a formação de grupos específicos e estabelece também uma relação de conflito com a legislação vigente.

Uma das hipóteses dessa pesquisa é que o balão, como artefato cultural, transformou-se em um meio, ou espaço, pelo qual determinado grupo ou indivíduo expressa a sua participação em um sistema de relações simbólicas, resultando assim numa ação coletiva na qual os indivíduos constroem redes elaboradas de cooperação que juntos produzem, dividem trabalhos e buscam um resultado final em comum. Além disso, o balão é reconhecido também como uma forma de lazer, pois é considerado como uma atividade da qual o indivíduo age por livre vontade na produção de um trabalho, que não envolve lucros financeiros e está baseada na união e solidariedade de indivíduos que se integram devido a interesses comuns.

Como sugere Magnani (2003) o lazer é uma possível via de acesso ao conhecimento dos valores, da maneira de pensar e do modo de vida dos indivíduos, porque é algo que tem significado para aqueles que praticam. Sendo assim, o “balão” mobiliza categorias e valores como: trabalho, tradição e solidariedade. Sandra de Sá Carneiro (1986) recorrendo a Gilberto Velho e Luís Antonio Machado demonstra como uma série de atividades ligadas ao que pode

ser definido como lazer pode torna-se central na vida de diferentes camadas sociais, sendo importante ressaltar que os atores sociais que participam dessas atividades nem sempre vêm de uma mesma classe social, o que enfatiza a formação de redes de sociabilidades. Os baloeiros não se distinguem como membros de uma mesma classe social, mas sim por sua organização em torno de uma atividade comum que é a atividade de fazer, soltar e capturar balão.

O Trabalho “*Balão no Céu, Alegria na Terra: um estudo sobre representações e organização social dos baloeiros*” da antropóloga Sandra de Sá Carneiro, que em sua pesquisa de mestrado analisou na década de 1980 a prática dos baloeiros no Rio de Janeiro é um dos poucos estudos realizados e uma das principais referências dessa pesquisa. O título dessa dissertação “*Festa no céu, conflito na terra*” é uma alusão ao seu trabalho como uma homenagem e também uma forma de apontar para as mudanças que ocorreram no cenário conflituoso da prática do balão. Essa mudança é perceptível se pensarmos na dimensão que o objeto dessa pesquisa tomou, e que mesmo a classificação da prática como crime não inibiu a ação e o surgimento das turmas, que não apenas agem na ilegalidade, como também criam iniciativas em defesa da legalização do balão.

Essa pesquisa, portanto, procura contribuir para os estudos antropológicos urbanos na medida em que possibilita o estudo de grupos que agem de maneira bastante significativa (numérica e culturalmente) na região metropolitana de São Paulo formando toda uma justificativa para a prática, mobilizando argumentos e “inventando” uma história e uma tradição. José Guilherme C. Magnani nos aponta a metrópole como um contexto rico para a antropologia e indica a possibilidade de estudarmos os grupos que se formam nela com o propósito de entendermos os aspectos compartilhados por estes e que podem ser estranhos a nós. Assim, ele demonstra que “o que importa ao olhar antropológico não é apenas apresentar o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, mas também a busca de significado de tais comportamentos” (MAGNANI, 1996:38).

Para contextualizar a escolha e delimitação do tema dessa pesquisa esclareço que durante a graduação ingressei no grupo de pesquisa VISURB e produzi alguns estudos²

² O Projeto de Extensão “*Pimentas nos Olhos não é refresco*” consistia em provocar uma reflexão conjunta acerca dos fluxos das identidades e alteridades construídas por jovens moradores de bairros periféricos e capacitá-los a expressar sua reflexão por meio da linguagem fotográfica. Pesquisa de Iniciação Científica “*Articulações entre memórias e narrativas no filme Edifício Master de Eduardo Coutinho*”. Esta pesquisa analisou como as personagens do documentário “Edifício Master” articulam as suas memórias em narrativas na produção de seus projetos de vida. Foi desenvolvida uma reflexão a respeito de como as personagens, atores

relacionados à cultura e sociabilidade, e tenho a experiência de morar em um bairro periférico de São Paulo onde presencio a ação desses baloeiros. Essas atividades me fizeram refletir sobre a necessidade de analisar as relações possibilitadas por essa prática, assim como as ideias, símbolos e a ação ilegal desses grupos, pois sempre me pareceu instigante compreender como determinados significados se situam no universo próprio de cada grupo. O estudo da ação desses indivíduos nos possibilita a compreensão de estilos de vidas, visões de mundo e como a produção do balão, considerado entre eles como pertencente a cultura popular, passa a ser significativa para alguns indivíduos.

Para a realização desse trabalho utilizei o método etnográfico tal como proposto por Clifford Geertz (1989) que nos sugere a interpretação do sistema simbólico que orienta a vida dos grupos sociais através de uma observação participativa na vida social dos indivíduos estudados, pois isso possibilita a captura de aspectos fundamentais para a compreensão. Na realização da etnografia, não está em jogo apenas os recursos metodológicos, mas também o esforço intelectual empreendido a fim de uma descrição densa, entre o trabalho de campo e a produção textual. Uma descrição densa deve compreender os símbolos sociais, por meio de uma experiência próxima, na qual sua elaboração se dá através da construção dos nativos a respeito de suas atividades.

Uns dos recursos utilizados nessa pesquisa foi o uso de fotografias como parte da reflexão antropológica. Como nos sugere Andréa Barbosa e Edgar Cunha(2006) as imagens produzidas por uma sociedade podem ser uma entrada para a compreensão do universo simbólico dela. Elas apresentam gestos, ações, situações, atores sociais e podem aprofundar a compreensão de expressões estéticas ou artísticas e como elas participam da criação da vida social e cultural. As imagens muitas vezes podem possibilitar o acesso à visão de mundo dos sujeitos e das redes sociais em que eles estão inseridos.

Parte das fotografias foi realizada por mim durante a pesquisa de campo para essa investigação, outras fotos foram produzidas pelos próprios interlocutores que me autorizaram utilizá-las na dissertação, outras são de autoria desconhecida e meu acesso a elas se deu pelo amplo compartilhamento em redes sociais. Articulando imagens de diversas procedências e autorias, as utilizo como uma maneira de contribuir para uma aproximação visual e mais sensível do mundo do balão.

sociais, num fluxo contínuo de interação, estão atentos às impressões que causam nos outros e às manifestações de expectativas destes. Além disso, foi analisado como elas reconstróem simbolicamente Copacabana suscitando ao mesmo tempo questões referentes à vida na metrópole.

No processo de trabalho de campo tomei algumas turmas como unidades de observação. Não me limitei apenas a acompanhar uma turma específica o que possibilitou, através da observação direta e comparativa, a análise do padrão de relações, categorias, e atividades fundamentais envolvidas nessa prática.

A dissertação foi estruturada em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, são apresentadas as mudanças e atribuições de significados ao balão ao longo do tempo. A partir disso delimito o universo do balão demonstrando como surgem sua linguagem e as formas de sociabilidades específicas através das chamadas *turmas*. Descrevo também a construção de uma controvérsia, na qual o balão é entendido como crime e também como arte, destacando também a importância da construção de uma memória coletiva, pois esta aparece como um dos recursos utilizados para que os baloeiros justifiquem seu argumento e defendam essa prática como algo pertencente à cultura popular.

No segundo capítulo partimos da consideração de que a prática do balão é um processo complexo, tenso, mas que por necessitar de um trabalho de equipe acaba por se transformar num evento de sociabilidade que chamo aqui de ritual da prática do balão. Descrevo como funciona a dinâmica da bancada (produção do balão) e como a atividade dos baloeiros está fortemente atrelada à outra prática polêmica que são as brincadeiras de pipas.

O terceiro capítulo retrata a soltura do balão. Considerado como o ápice do processo, esse momento é descrito como de grande emoção, no qual é possível ver todo o trabalho finalizado e que ficará presente na memória coletiva do grupo. Portanto considera-se importante compreender quais significados e símbolos norteiam esse instante. Em nossa análise levamos também em consideração que é nesse momento que esses indivíduos se encontram mais sujeitos a denúncias e abordagens policiais, pois é nessa ocasião que o balão é exposto, levado para rua, e que seus sonhos e expectativas de serem reconhecidos enquanto artistas que procuram manter algo que faz parte da cultura popular aumentam. Destaco também nesse capítulo as funções que são atribuídas às mulheres nesse processo.

Por fim, no quarto capítulo analiso o resgate, este que é o momento mais polêmico de toda prática do balão. Descrito como um momento de forte adrenalina e norteado pelo conflito, este momento levanta fortes debates até entre os próprios baloeiros. Veremos como para alguns o processo ritualístico desse mundo termina na soltura, para outros esse processo só é finalizado após o resgate, e ainda há casos em que o resgate é o início do processo. A questão do gênero também tem presença nesse capítulo, pois esse é um momento carregado de valores socialmente ligados ao gênero masculino.

Procurei esclarecer como a prática dos baloeiros pode ser vista como atividade importante no contexto do espaço urbano, principalmente na cidade de São Paulo considerando essa atividade como articulada e significativa para um número relevante de pessoas.

Capítulo I

Arte e conflito – Apresentação de uma controvérsia

1.1 Arte, crime e os usos da cultura

Logo no início da minha pesquisa de campo em um bar na zona norte de São Paulo, famoso por ser ponto de encontro dos baloeiros conheci Gilberto³, rapaz comunicativo e expressivo dividia a sua atenção entre a nossa conversa e a mesa coberta com DVDs de filmagens de balão que vendia. Em pouco tempo de bate papo Gilberto me confessou ser policial civil. Um dos pioneiros do gigantismo⁴ no Estado de São Paulo e fundador da turma *Papel Mágico*⁵, criada em 1982 e que existe até hoje, Gilberto solta balão há 32 anos e está na polícia civil há 25 anos, próximo de se aposentar, ele contou que seus colegas de trabalho sabem que ele é baloeiro e o respeitam. Mas a sua posição profissional não impede que ele seja abordado, a polícia, inclusive já foi até a sua casa averiguar denúncias, mas não encontraram nada que o incriminasse.

Apesar de não gostar muito de resgate, Gilberto comenta que já participou de resgate com o carro da polícia, o que assustava os outros baloeiros presentes no local da queda do balão. No momento de resgate são realizados sorteios entre os primeiros a chegarem até o artefato para decidir quem fica com o balão, como veremos adiante. Ele critica a desordem na maneira como são realizados esses sorteios, mas conta que certa vez chegou tarde ao local da queda do balão, mas conseguiu participar do sorteio e ganhá-lo. Nesse momento, ele narra se defendendo, alegando que foi justo ganhar aquele balão, pois ao chegar ao local os policiais já haviam pegado o artefato e estavam com um isqueiro aceso para queimá-lo. Gilberto interveio e pediu para o policial não queimá-lo, confessou que era da polícia civil, mas que gostava de balão, o policial considerou o apelo e liberou o sorteio, no qual ele foi o vencedor.

A narrativa dessa situação serve para auxiliar na compreensão mais profunda desse mundo. Além de demonstrar regras e valores, que serão apresentados ao longo do trabalho, ela também indica o caminho para o entendimento desse universo, que é a construção de uma

³ Alguns nomes de baloeiros citados ao longo do texto são fictícios com o propósito de preservar a identidade dos indivíduos. Em certos casos isso não acontece devido ao fato de alguns baloeiros pedirem a utilização de seus nomes verdadeiros.

⁴ Confecção de balões grandes e de modelos diversos.

⁵ Assim como nos nomes dos interlocutores desta pesquisa, também utilizo nomes fictícios para turmas de baloeiros.

controvérsia na defesa do balão como uma arte que faz parte da cultura popular e ao mesmo tempo um crime que põe em risco a vida de pessoas.

Gilberto seria a personificação dessa controvérsia presente no mundo do balão, pois se encontra numa posição entre o representante da ordem e o *outsider*. Um homem da lei, que motivado por uma paixão e uma tradição, confecciona, solta e defende o balão o considerando como arte. Como aponta Becker (2008) a consideração de um ato como desviante ou não, depende de como outras pessoas vão reagir a ele, ou seja, o fato de uma pessoa ter infringido uma regra não significa que outras pessoas reagiriam como se isso tivesse acontecido, e isso acontece na prática do balão, além dos próprios baloeiros se considerarem com artistas, muitos indivíduos consideram o balão como algo bonito e não prejudicial a vida em sociedade, apesar de não soltarem balão e de saberem que esse é um ato sujeito à penalização por lei.

Como uma espécie de *anjo caído*, Gilberto encontra-se dividido, motivado por sonhos, acaba se entregando ao *pecado da desordem*, enfrentando uma constante disputa entre a lei e o prazer.

Em material de divulgação produzido por baloeiros, há uma tentativa de se contrapor à legislação que proíbe a prática desses indivíduos e demonstrar a sua importância histórica. Desse modo, o material denominado *Cartilha do balão*⁶ constrói uma narrativa na qual, em torno do século XII, os balões eram soltos na China como símbolo de reverência aos mortos ou para homenagear os imperadores. Posteriormente teria sido introduzido na Itália pela família do famoso mercador Marco Polo, que em uma viagem à China havia conhecido o balão e a partir daí, aos poucos, teria se inserido nos países europeus. Na mesma narrativa, no Brasil, essa prática, teria sido trazida pelos colonizadores portugueses, incorporada ao cotidiano no século XVI e se firmando na tradição das festas juninas.

Os festejos juninos tiveram seus primeiros registros como prática pagã ainda na antiguidade clássica. Naquele período, essas festas eram consideradas como parte dos rituais que marcavam a passagem para o verão. Na Idade Média, a festa foi cristianizada e a igreja católica deu-lhe como padroeiros: Santo Antônio, São João e São Pedro (Campus, 2007).

No Brasil, a princípio, essas festas costumavam ser realizada pelas famílias mais tradicionais dos bairros de cidades rurais, sua preparação demorava meses e contava com a colaboração de muitas pessoas. Atualmente, brincadeiras como “pau-de-sebo”, “casamento caipira”, e até mesmo o próprio balão foram excluídas dessas festas, que hoje, em cidades

⁶ PINTO, Humberto. “*Cartilha do Balão: Balão a arte do Povo*”. Disponível em <http://www.planetabalao.com/cartilha/cartilha.htm>. Acesso em 15 maio de 2012.

como Rio de Janeiro e São Paulo, estão restritas, quase que exclusivamente, aos colégios e igrejas. Para Sandra Carneiro (1986), uma das pioneiras do estudo sobre a prática, a explicação para essas mudanças está no crescimento urbano, que impede a permanência de aspectos considerados incompatíveis com a vida moderna urbana, como acender fogueiras, soltar fogos e balões, para isso basta pensarmos na organização espacial no contexto urbano, no qual casas e grandes prédios se aglomeram em pequenos espaços, o que aumenta a possibilidade dessas brincadeiras e festejos relacionados ao fogo causar acidentes.

O que antigamente eram artefatos simples, confeccionados em casa, ou muitas vezes comprados prontos, na atualidade são objetos de construção muito complexa: seu tamanho pode chegar até mais de 100 metros, com formatos e decorações bastante elaborados. Assim, o que antes podia ser feito individualmente passou a ser um trabalho que exige uma equipe. A atividade estendeu-se a diversos grupos como: família, amigos e vizinhos dando surgimento a um determinado tipo de associação de grupo: as chamadas *turmas* formadas por indivíduos interessados em confeccionar e soltar balões.

Com as mudanças desses festejos juninos tradicionais já mencionados, o balão, que era um dos elementos destas festas acabou por ganhar novos significados. É possível observar que com as transformações relacionadas à urbanização das grandes cidades, o balão transformou-se em uma prática de lazer e de entretenimento. José Guilherme Magnani (2003) nos oferece uma definição para lazer que nos interessa bastante:

(...) atividade marginal, instante de esquecimento das dificuldades cotidianas, lugar enfim de algum prazer – mas talvez por isso mesmo possa oferecer um ângulo inesperado para a compreensão de sua visão de mundo: é lá que os trabalhadores podem falar e ouvir a sua própria língua (Magnani, 2003:30).

O balão abre espaço para considerarmos essa prática como parte da vida cotidiana das pessoas, e não mais como prática extracotidiana ligada a festa, sendo o momento descontraído da rotina semanal dos seus praticantes. Os baloeiros consideram o balão como um momento de descontração, de diversão e prazer, que envolve um trabalho sem vínculo econômico. Hoje, independente de uma data específica, esses balões podem ser vistos no céu. Durante todo o ano o balão está presente no cotidiano de bairros periféricos de cidades brasileiras como São

Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba⁷, sobre a justificativa dos baloeiros de que este artefato pertence a “nossa cultura”.

No Brasil, o balão foi, por muito tempo, associado às festas juninas, o que faz com que a maioria dos baloeiros considere esse artefato como uma prática cultural atrelada a cultura popular. Várias são as discussões em torno da definição deste conceito, a cultura popular pode ser pressuposta como algo substantivo e imutável no tempo a despeito das mudanças que ocorrem na sociedade, ou, que o processo de transformação sofrido por ela seria uma caminhada para um “desaparecimento”. No entanto, como sugere Antonio Augusto Arantes (2006) a cultura é um processo dinâmico suscetível a transformações. Seria possível preservar alguns aspectos e características, mas não é possível evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos. Segundo o autor, embora haja uma preocupação com a “tradição” e o “passado”, é impossível não agregar novos significados e conotações ao que é reconstituído, isso é impossível porque a própria reconstituição é parte da história da cultura e da arte. Para Arantes, qualquer modalidade de arte aparece como algo que possibilita identificar em uma sociedade aspectos de sua organização, esse seria para autor o sentido mais profundo da dita “cultura popular”.

Segundo Clifford Geertz (1989) é por intermédio dos amontoados de símbolos significativos que, o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. Para o autor o sistema simbólico apresenta uma lógica no interior da própria estrutura social. A cultura para ele aparece como um tecido de significados, cujos termos os seres humanos usam para interpretar sua experiência e orientar sua ação, sendo a estrutura social a forma que a ação assume, a rede de relações sociais que realmente existe, assim, seria importante descobrir quais os significados construídos nessas relações. Geertz (1989) ao estudar a briga de galos em Bali nos mostra que embora fosse ilegal, essa prática desempenhava um papel importante na vida dos balineses, que ela estava inserida em um sistema de significados, revelando a importância dessa briga para a sociedade Balinesa.

Assim como na briga de galos descrita por Geertz (1989), a prática também ilegal dos baloeiros suscita igualmente emoções como: a alegria da vitória, a tristeza da derrota, o desafio, o orgulho, a realização pessoal, etc., que são carregados de significados para esses personagens. O balão aparece, assim como aponta Geertz (1989), como algo que cria uma estrutura simbólica de ordenação do comportamento interpessoal, pois o balão organiza esses

⁷ Durante a pesquisa não foi possível identificar o real motivo que contribuiu para o desenvolvimento mais intenso dessa prática apenas em cidades desses três estados. Porém, é perceptível que a proximidade geográfica favorece a interação e a troca de experiências entre esses agentes.

seres humanos que compartilham os significados construídos nas relações que surgem em torno dessa prática.

Marshall Shalins (1997) se aproxima das considerações de Geertz (1989) ao demonstrar que as pessoas, relações e coisas se manifestam com valores e significados, o que constrói uma ordenação do mundo em termos simbólicos, isso é justamente o que Shalins (1997) chama de cultura. Seguindo a consideração desses dois atores, em torno da prática do balão existe um mundo todo ordenado repleto de significado e com valores próprios. Com base nessa ordenação simbólica os baloeiros passam a considerar o balão como uma prática cultural, e procuram na “tradição” a justificativa para essa argumentação.

Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) nos levam a refletir que às vezes tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastantes recentes, quando não inventadas. Os autores definem *tradições inventadas* como um conjunto de práticas e regras, de natureza ritual ou simbólica, que se estabelecem através da repetição, o que automaticamente implica uma continuidade em relação ao passado, um passado histórico apropriado. Elas são reações a situações novas que ou assumem a forma de referência a situações anteriores. A invenção de uma tradição ocorre de forma mais frequente quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói padrões sociais para quais velhas tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis, quando as velhas tradições demonstram ter perdido grande parte da capacidade de adaptação e de flexibilidade. Assim, toda tradição inventada utilizaria a história como legitimidade das ações, como estabelecimento de coesão grupal e muitas vezes se torna o próprio símbolo do conflito.

Considerando esse argumento de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (1984) pude observar que os baloeiros recuperam um passado histórico apropriando-se de elementos que fazem sentido para a tradição que querem construir. É nesse sentido que a trajetória do artefato balão desde século XII na China até chegar ao Brasil, onde é considerado como pertencente a um festejo popular, se configura como uma narrativa que *inventa* a tradição do balão como uma prática da cultura popular brasileira, no qual o balão se modifica e reaparece com significados imprevistos. Essa invenção surge certamente como consequência da rápida mudança de significado que este artefato sofreu e com a sua classificação como ilegal, o que faz com que esses agentes recuperem e articulam elementos da história como uma maneira de legitimar as suas ações. A *tradição inventada* do balão simboliza o próprio conflito, pois a sua criação e recuperação da história estabelece uma relação conflituosa com a legislação vigente.

Essas considerações se aproximam da análise que Manuela Carneiro da Cunha (2009) desenvolve em seu trabalho “Cultura com Aspas”. Ela nos aponta que num período mais recente foram os antropólogos os responsáveis por prover a ideia de cultura, mas com o passar do tempo essa ideia assumiu o novo papel de argumento político e se transformou na “arma dos fracos” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009:312). Carneiro da Cunha (2009) relembra que a concepção antropológica de cultura surgiu na Alemanha setecentista e que a princípio se relacionava com alguma qualidade original, espírito ou essência que aglutinariam as pessoas em nações e ao mesmo tempo as separariam, sendo que essa originalidade surge das diferentes visões de mundo de diferentes povos.

O conceito de cultura como apropriado pelos antropólogos aparece como um produto da própria pesquisa antropológica, que reconhece a sua operacionalidade no mundo, mas o desconstrói para analisá-lo. Contudo, para Carneiro da Cunha (2009) é importante que se compreenda o uso local que se faz da categoria de cultura, para ressaltar essa importância em diferenciar o que os antropólogos chamam de cultura do que os nativos chamam de cultura, a autora propõe a diferenciação de cultura do que chama de cultura com aspas. Enquanto cultura é passível de acumulação e empréstimo, sendo aquela rede invisível a qual estamos suspensos, a “cultura” (com aspas) seria definida em relação a etnicidade e em relação ao seu uso como instrumento de defesa da propriedade intelectual, como arma para afirmar uma identidade, dignidade e poder diante dos Estados nacionais ou internacionais (CARNEIRO DA CUNHA, 2009: 373).

Em nosso contexto de pesquisa, é extremamente relevante operarmos essa diferenciação e percebermos o uso local do conceito de cultura operado pelos baloeiros. Diferente do que fazem os antropólogos que questionam a cultura como um conceito, os baloeiros usam a “cultura” com aspas no sentido de construir um argumento político, e a utilizando como uma forma de recurso para afirmação, diferenciação e identificação. Percebemos que o conceito de “cultura” como utilizado por esses nativos, é essencializado e fortemente relacionado a processos de objetivação específicos, como por exemplo, a construção da defesa da prática em contraposição à legislação e a construção de uma identidade apoiada nessa “tradição cultural”. É importante destacar, no entanto, que não objetivamos julgar ou “comprar” esse discurso nativo. Nosso objetivo é, justamente, analisar como esses agentes constroem seus argumentos e operacionalizam o conceito, ou seja, como Carneiro da Cunha (2009) nos estimula a pensar, não se trata de falar como baloeiro, mas antes de falar com os baloeiros.

A cidade do Rio de Janeiro é considerada a cidade pioneira no desenvolvimento da prática do balão. Conforme as informações obtidas no trabalho de campo com baloeiros mais antigos nessa prática foi a partir dos anos de 1950 que começaram a formação das primeiras turmas e a criação de balões mais elaborados. Em São Paulo, a intensificação dessa ação, inclusive a dinâmica de organização e formação das turmas surgiu no início da década de 1980, com o que eles chamam de gigantismo, que é a confecção de balões mais elaborados - desenhados, e de formatos diversos - e de grande dimensão.

Nesse período haviam muitas competições e até havia quem colecionasse figurinhas de álbum de balões que eram trocadas e ambicionadas pelos admiradores da prática⁸, hoje esses álbuns se transformaram em algo raro e os baloeiros que ainda possuem os exibem como um troféu. O orgulho aumenta ainda mais quando o álbum possui alguma figurinha de um balão de sua turma. Surgidas também nesse período e, até hoje fortemente utilizadas, as camisetas com nomes das turmas e fotos de balão têm lugar garantido na prática. Elas são uma maneira que os integrantes encontraram para serem identificados em solturas, resgates de balões e pontos de encontro. Esses são alguns exemplos que nos ajudam a pensar na dimensão que essa prática tomou desde o começo dos anos de 1980 em São Paulo, e que faz com que hoje esta cidade se equipare a do Rio de Janeiro em termos e domínio de técnica e formação de turmas.

Entretanto, com a intensificação da prática houve também um crescimento significativo no número de tragédias associadas à queda de balão⁹, o que ocasionou um grande debate público e a criação, em 1998, do Artigo 42 da Lei 9.605 de crimes ambientais, que passou a considerar o ato de fabricar, vender, transportar ou soltar balões como ilegal devido à possibilidade de provocar incêndios em florestas, demais formas de vegetação, em áreas urbanas ou qualquer tipo de assentamento humano.

Apesar da proibição os grupos de baloeiros parecem crescer cada vez mais, haja vista os milhares de páginas na internet criadas por eles que utilizam esse espaço para divulgação das turmas, e nelas são postadas fotos de balões que foram confeccionados ou recuperados por elas.

Segundo o SNEA (Sindicato das Empresas Aéreas) as turmas de baloeiros soltam no Brasil, em média, 100 mil balões por ano. Existe cerca de mil turmas na Grande SP e outras

⁸ Informação obtida em conversa informal durante a pesquisa de campo com baloeiros e simpatizantes da prática.

⁹ Informações obtidas em <http://www.bombeirosemergencia.com.br/soltarbalao.html>. Acesso em 06/12/2013.

mil no Rio de Janeiro, cada uma com aproximadamente 25 integrantes. As duas cidades são responsáveis por 60% do total de balões soltos por esses grupos¹⁰.

Uma forma de rearticulação da prática em resposta ao Artigo 42 da Lei 9.605, criada em fevereiro de 1998, foi a rápida criação da SAB (Sociedade Amiga do Balão) em maio do mesmo ano, que surgiu, como eles alegam, “com o propósito de lutar pela arte, pelo folclore e pela cultura do povo brasileiro, e em particular, pela descriminalização e regulamentação do balão” (PINTO, 2012).

Esses baloeiros se defendem das acusações alegando que o perfil de quem solta balão é diferente do perfil de um criminoso, geralmente, quem faz balão é “estudante, trabalhador, pai de família”, ou seja, eles se consideram pessoas idôneas que querem manter uma tradição, e que não possuem vínculos com o perfil de um criminoso típico que são considerados como indivíduos perigosos ou insensíveis. Para eles o balão é uma prática cultural, uma forma de entretenimento que se baseia em valores sociais, tais como: trabalho, confraternização e solidariedade.

Os baloeiros apontam que essa lei possui várias falhas técnicas que abre margem a várias formas de interpretação¹¹. Eles alegam que o código penal brasileiro não prevê punição de atos preparatórios, e citam o seguinte exemplo, se alguém compra veneno para misturar em água e matar outra pessoa, e esta é pega no momento em que iria preparar o veneno, ela não estará praticando crime, pois nada garante que ela realmente execute o plano, e apontam que são raríssimos os casos de punição de atos preparatórios no Brasil, e o artigo 42 recai nessas exceções.

Outro questionamento é referente a garantia de que o balão irá realmente causar incêndios. Para esses agentes essa lei indica um crime que representa um perigo que é abstrato, uma suposição, muitos consideram que esse suposto crime seja inconstitucional, pois no âmbito do direito penal é preciso que se tenha ferido efetivamente o bem protegido judicialmente. Portanto, segundo essa interpretação para se enquadrar na conduta do art. 42, teria que punir o crime após a sua completa execução, ou seja, o balão subir, estar no alto e com as buchas¹² acesas. Sob essa interpretação, os baloeiros alegam que as ações de fabricar, vender, transportar, não representam um risco, portanto não devem ser punidas, pois não

¹⁰ Informação obtida em <http://zonaderisco.blogspot.com.br/2013/06/com-aproximidade-do-inverno-e-das.html>. Acesso em 06/12/2013.

¹¹ <http://www.planetabalao.com/colunistas/japa/materia02/materia02.htm>. Acesso em 25/08/2015.

¹² Artefato que mantém o fogo no interior do balão. Produzido normalmente com algodão, estopa ou papel higiênico embebidos em parafina.

podem causar incêndios, e não lesa e nem tem a potencialidade de ferir bens de terceiros protegidos por lei.

Neste cenário de conflito, alguns baloeiros aderiram a uma medida que possibilita que saiam dessa categoria de criminosos. A medida encontrada foi a soltura do balão sem fogo. Esta iniciativa permite que eles pratiquem o balão dentro do que a lei permite, pois se proíbe, por lei, apenas a soltura de balões que possa causar incêndios. Com essa medida, hoje são realizados festivais dos chamados balões ecológicos que reúnem centenas de turmas de várias regiões do país. Mas mesmo não utilizando fogo na sua soltura, os balões ecológicos são considerados ilegais devido à possível chance de causar acidentes aéreos.

Esse contexto motivou a criação da ABB (Associação Brasileira de Baloeiros ecológicos). Formada em 2012 na zona leste de São Paulo, essa associação apresenta projetos e proposta para a legalização do balão sem fogo, e esse objetivo já foi alcançado em algumas cidades como Poá, Ferraz de Vasconcelos, Carapicuíba, Santo André e Campinas.

Segundo o presidente da associação, Johnny do Balão, essa proposta não deverá ser apresentada na prefeitura da cidade de São Paulo, devido ao intenso tráfego aéreo na região¹³, e para evitar maiores conflitos e não perderem as suas poucas conquistas alcançadas, eles preferem manter em São Paulo apenas propostas de exposições desses Balões como aconteceu dia 02/11/2013 no parque do Carmo e no dia 25/01/2014 no parque do Ibirapuera que reuniram cerca de seis mil visitantes (cada evento).

Utilizando-se de táticas específicas os baloeiros acabam por criar dinâmicas também específicas no cenário paulistano. Michel de Certeau (2009) define tática como uma ação calculada, na qual os indivíduos precisam saber aproveitar as ocasiões e delas estocar benefícios, aumentar propriedades e prever saídas. Determinada pela ausência de poder, a tática é a “arte do fraco”, pois elas envolvem a invenção de válvulas de escape e confrontação de uma situação onde os indivíduos se sentem oprimidos num espaço controlado por um poder dominante (CERTEAU, 2009:101). O sentimento de opressão e injustiça presente entre os baloeiros faz com que esses agentes ajam e pensem em táticas que favoreçam as suas ações, como a legalização do balão ecológico, sempre procurando sair da condição de criminosos que são rotulados.

¹³ Informação obtida em conversa informal com o presidente da ABB durante a pesquisa de campo em 02/11/2013.

Figura 1

Exposição de balões ecológicos realizada na Praça da Paz no parque Ibirapuera, São Paulo, 25/01/2014.¹⁴

Essa mobilização da ABB em procurar por táticas que colaborem com a sua prática demonstram que o grupo percebe o seu campo de possibilidades e limites, e juntos procuram alcançar o fim almejado, como é característico de uma ação coletiva como proposta por Alberto Melucci (2001). Para este autor, a ação coletiva pode ser pensada como uma orientação finalizada que se constrói através das relações sociais, dentro de um campo de possibilidades e de limites que os atores percebem. Os indivíduos constroem as suas ações por meio de investimentos organizados, eles definem em termos cognitivos o campo de possibilidades e limites (MELUCCI, 2001:52).

Melucci (2001) considera a identidade coletiva como um ideal compartilhado que propicia uma interação constante entre o sujeito e o grupo no qual está inserido. No caso dos baloeiros, o que se tem como objetivo é a tentativa de ruptura com uma forma de pensamento que os classificam como delinquentes e com uma lei que os criminalizam. O que se percebe é que quando os baloeiros se agrupam, não são apenas para lutar por metas como o fim do Artigo 42 da Lei 9.605, ou a legalização do balão ecológico, esses agentes reivindicam também um reconhecimento social que os tirem da situação de *outsiders*.

Entre os baloeiros a revolta por serem considerados como delinquentes é algo muito intenso. Observando algumas páginas na internet, redes sociais e em conversas informais durante a pesquisa de campo pude verificar que eles consideram a mídia sensacionalista, e

¹⁴ Foto extraída do site <http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2014/01/25/imagens-do-dia---25-de-janeiro-de-2014.htm#fotoNav=13>. Acesso em 17/02/2014.

demonstram sua indignação no próprio balão, como quando soltaram um balão com uma bandeira com a foto do jornalista Datena, que costuma tratá-los como criminosos¹⁵. Esses baloeiros se consideram injustiçados pelo fato de serem tratados dessa maneira, por quererem realizar o que eles consideram uma produção artística:

O engraçado é que tem um monte de gente que faz coisas erradas e proibidas por lei como beber e dirigir, mas que não são consideradas como marginais, agora nós, que fazemos uma coisa bonita, somos considerados como criminosos e vagabundos. Isso é uma falta de respeito com a gente que só quer demonstrar a nossa arte¹⁶.

Essas iniciativas adotadas pelos baloeiros, como a criação da SAB (Sociedade Amiga do Balão), a ABB (Associação Brasileira de Baloeiros ecológicos) e as propostas para saírem da situação de ilegalidade demonstram uma ação, que segundo Melucci (2001:52), envolve uma interação de objetivos, recursos e obstáculos, como uma orientação intencional que é estabelecida dentro de um sistema de oportunidades e coerções.

Essa análise possibilita considerar a ação dos baloeiros como uma forma de movimento, que são sistemas de ação que operam num campo sistêmico de possibilidades e limites, reivindicando não apenas a igualdade de direitos, mas também o direito de ser diferente (MELLUCI, 1989:53). Segundo o autor, a luta contra a discriminação e o direito de ser reconhecido como diferente é uma das maiores necessidades na sociedade pós-industrial e o que se observa é que esses baloeiros procuram sair da situação de identificação de delinquentes e criminosos que eles se encontram para ser reconhecidos como artistas.

¹⁵ Informação obtida em entrevista informal com integrante de uma turma de baloeiros T.U.T da cidade de São Paulo em dezembro de 2011.

¹⁶ Palavras de Lucas integrante de uma turma da zona oeste de São Paulo em uma entrevista informal (12/2011).

Figura 2:



Autora: Erika Paula dos Santos. 18/09/2014.

Em alguns momentos esses baloeiros adotam algumas iniciativas e atitudes consideradas como “bem vistas” pela sociedade, como a arrecadação de alimentos e campanha para doação de sangue. Atitudes como essas são consideradas por eles como uma forma de protesto, como uma maneira possível de desconstruir a sua imagem social negativa que é construída com a ajuda da mídia.

Figura 3:



Imagem compartilhada através de redes sociais e do aplicativo *whatsapp*.

Desse modo, é possível observar uma ação coletiva entre os baloeiros, pois esses criam redes elaboradas de cooperação, baseada na união e solidariedade de indivíduos que se integram devido a interesses comuns. Melucci (2001) considera que atores constroem a ação coletiva à medida que se comunicam, produzem e negociam significados, avaliam e reconhecem o que tem em comum e tomam decisões. E como característico dos novos conflitos que se estenderam para o cotidiano, esses sujeitos também produzem identidade coletiva, que Melucci (2001) considera como um ideal compartilhado que propicia uma interação constante entre o sujeito e o grupo no qual se está inserido.

Por um lado temos o crescimento da ação dos baloeiros apoiados no argumento da prática como arte e tradição da cultura popular, por outro, temos o crescimento do combate oficial à prática e sua ilegalidade apoiada no argumento dos danos materiais e ambientais que a atividade provoca. Nesse contexto, por mais que o balão ecológico possa parecer uma saída possível para essa controvérsia, tenho encontrado em minha pesquisa de campo resistência a esse tipo de técnica. Com um pouco de receio alguns baloeiros comentam que passam anos produzindo um balão para que ele dê um show pirotécnico ou carregue uma bandeira, coisas que segundo eles, são prejudicadas no balão ecológico que, por ser inflado apenas com gás, diminui a capacidade do balão de erguer peso. Segundo esses baloeiros existem técnicas que deveriam ser mais defendidas e praticadas, como, por exemplo, a produção da bucha feita com papel higiênico já que essa tem uma combustão muito rápida e cai apagada.

É frequente ouvir em conversas que o que colabora com a visão negativa que a sociedade tem do balão não é necessariamente o próprio balão, mas a falta de bom senso de alguns baloeiros no momento do resgate. O processo do balão envolve três momentos: fazer, soltar e resgatar, todos carregados de significados. Dentre estes o mais polêmico é o resgate, que consiste na captura de balões, e levanta fortes debates até entre os próprios baloeiros por ser uma ação fortemente ligada à ideia de desafio, a emoção e a adrenalina, como veremos mais a diante.

Apresentado esse contexto é possível verificar que o balão se transformou em uma atividade com significados, linguagem e formas de sociabilidades específicas. Apesar da atividade dos baloeiros ser ilegal, sujeita a multas, prisões e envolver um debate público em torno da questão ambiental, eles não se deixam influenciar pelas frequentes acusações feitas a sua prática, mas ao contrário, procuram legitimar a prática em nome da “cultura popular” e de toda sociabilidade e valores envolvidos nesse mundo do balão.

Essa atual situação dos baloeiros pode ser comparada a da farra do boi catarinense. Segundo Eugênio Pascele Lacerda que até metade da década de 1980 era tratada como uma prática da cultura popular brasileira, e após esse período foi colocada na ilegalidade e classificada como crueldade e tortura, suscitando o questionamento: cultura ou violência? Como pode ser cultura uma tradição popular que se baseia na violência?¹⁷. A farra do boi catarinense, assim como o balão são exemplos de ações carregadas de significados relacionados à tradição popular para determinado grupo de agentes, mas que se transformaram num problema de segurança pública, e vivem num embate para alçarem a sua legitimidade como cultura popular. No caso dos balões, a controvérsia diz respeito à contraposição entre a tradição cultural dos balões, reivindicada pelos baloeiros, e o perigo que esses possam causar incêndios e mesmo tragédias, como relatadas nas matérias jornalísticas descritas adiante.

Em junho de 2015 o Jornal da Band apresentou numa série de reportagens especiais exibidas durante uma semana que levava o título de “*Balões: risco no ar*”¹⁸. O propósito dessa série era alertar que em época de festa junina, período em que foi exibido, o número de acidentes e incêndios causados por balões teria um aumento de 30%. A reportagem também apontava cada etapa dessa prática “criminosa” como possível começo de uma tragédia.

A série trazia a exibição de cenas de incêndios de grandes proporções, conversa entre pilotos de aeronaves onde comentavam a proximidade do artefato, choques e explosões elétricas que ocorrem quando o balão encosta-se a fios de alta tensão. Foram exibidas também imagens produzidas pelos próprios baloeiros durante o resgate em que mostravam direção perigosa, cenas de brigas e tumultos que ocorrem na disputa do resgate. Havia ainda relatos de pessoas que se assustaram com o incêndio e a multidão em momentos em que o balão caía próximo de onde estavam ou até mesmo dentro de suas residências. Ao longo da reportagem, policiais, bombeiros e um psicólogo comentam essas ações, classificando os baloeiros como pessoas inconsequentes que não conseguem respeitar as leis e nem entender até que ponto vale a pena ser inconsequente, infantil.

Outra reportagem exibida no Jornal SP-TV da rede globo, no mesmo ano, informava a respeito de uma operação realizada através do monitoramento de redes sociais que terminou com a prisão de dois baloeiros da zona norte e apreensão de sete balões. O jornalista terminou a reportagem informando que 60% dos incêndios florestais são ocasionados por balões que

¹⁷ LACERDA, Eugênio Pascele. Os usos do folclore: o propósito da polêmica sobre a farra do boi no Brasil. Disponível em: <http://nea.ufsc.br/artigos/artigos-eugenio/>. Acesso em: 27/05/2015. Sem data de publicação.

¹⁸ Disponível em: <http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/videos/2015/06/23/15516046-numero-de-acidentes-com-baloes-aumenta-em-30-em-epoca-de-festa-junina.html>. Acesso em: 08/08/2015.

caem com a “tocha” ainda acesa¹⁹. E outra reportagem exibida pela mesma emissora em 2013 informava que no mesmo ano ocorreram 53 incêndios ocasionados por balões sendo um deles no parque do Juqueri, em Franco da Rocha, e que destruiu 40% do parque²⁰.

Essas reportagens apontam os problemas que a ação dos baloeiros pode causar, contradizendo e desconstruindo o discurso de artistas que lutam pela cultura popular construído por esses agentes. É possível perceber que os baloeiros desenvolvem o seu discurso dentro do próprio conflito, pois é neste contexto que eles defendem o *status* do balão como arte popular. Através da construção de uma memória comum, como veremos a seguir, se apresentam como pessoas que querem manter uma tradição, e utilizando-se de táticas marcam posição num conflito que os colocam numa posição de *outsiders*.

A controvérsia na qual a prática do balão ou é uma arte que pertence à cultura popular ou consiste numa prática sob a proibição legal, não nos aparece como uma questão a ser resolvida, mas sim como o caminho para se estudar a organização desses atores, pois como nos aponta Bruno Latour (2012) não devemos interromper o fluxo das controvérsias, pois a tarefa de definir o social cabe aos próprios autores e não ao analista. Assim, o melhor caminho para compreensão seria rastrear conexões entre as próprias controvérsias e não tentar decidir como resolvê-las. As controvérsias não são aborrecimentos ou obstáculos a serem evitados, mas sim o que permite que o social se estabeleça o que contribui para a construção das ciências sociais. É assim que a controvérsia é suscitada nesse trabalho, como um caminho possível para entender a organização presente no mundo do balão.

1.2 Memória e sociabilidade

O fato do balão ter sido fortemente associado a festa junina no Brasil contribuiu para que baloeiros dessem ao balão o *status* de arte pertencente a cultura popular, e eles justificam sua prática alegando que essa arte não pode ser proibida e desaparecer. Além da arte e da tradição, o discurso construído pelos baloeiros em torno de sua prática considera mais um elemento: a memória.

Segundo Andréa Barbosa e Edgar Cunha (2006) a memória estaria vinculada com as relações que o indivíduo mantém com o contexto social em que está inserido. Recorrendo a

¹⁹ <http://www.televideoteca.com.br/rede-globo/sptv-2a-edicao/investigadores-monitoram-os-baloeiros-pelas-redes-sociais-82201>. Acesso em 17/10/2015.

²⁰ <http://globoplay.globo.com/v/2844517/>. Acesso em 17/10/2015.

Halbwachs, Bergson e Bosi, Barbosa e Cunha (2006) sugere que lembrar é um movimento de construção, é também uma invenção das experiências vividas com imagens e ideias a partir das experiências e demandas do presente. Essa construção do que vivemos é feita a partir das experiências do indivíduo em seu mundo social. Ao explicar a sua relação com o balão, os baloeiros falam de sua infância e adolescência, com certa nostalgia de quando o balão não era proibido, e muitas vezes essas lembranças aparecem associadas aos festejos juninos.

Alguns relatos destacam a importância da memória e ressaltam a relevância de se lembrar de toda a história do balão, principalmente no Brasil. Lembranças do período em que essa “arte” era legalizada, quando os baloeiros podiam produzir seu artefato, e os momentos de soltura que se transformavam num evento de lazer no qual as pessoas, mesmo não sendo baloeiras, participavam e prestigiavam o show da subida do balão, como demonstrado na seguinte fala registrada em uma de minhas saídas de campo: *“eu sou da época que soltava balão na pracinha e a polícia fazia a segurança. Por que hoje ela quer me prender?”*²¹.

Essa fala representa a transição do balão de algo que antes era legalizado, valorizado coletivamente e que se transformava em um evento no qual eles podiam compartilhar sua arte para o atual contexto de ilegalidade. Essa mobilização da memória de um passado *bom* para o balão é importante, pois levanta questões quanto a situação atual de ilegalidade, que será uma questão mais desenvolvida adiante.

“O balão é algo que marca” essa fala recorrente me faz perceber como a memória coletiva é algo forte no mundo do balão. Os baloeiros sempre lembram do balão através das suas características: tamanho, modelo, desenho e a turma que soltou, mesmo que ele tenha sido solto há vários anos.

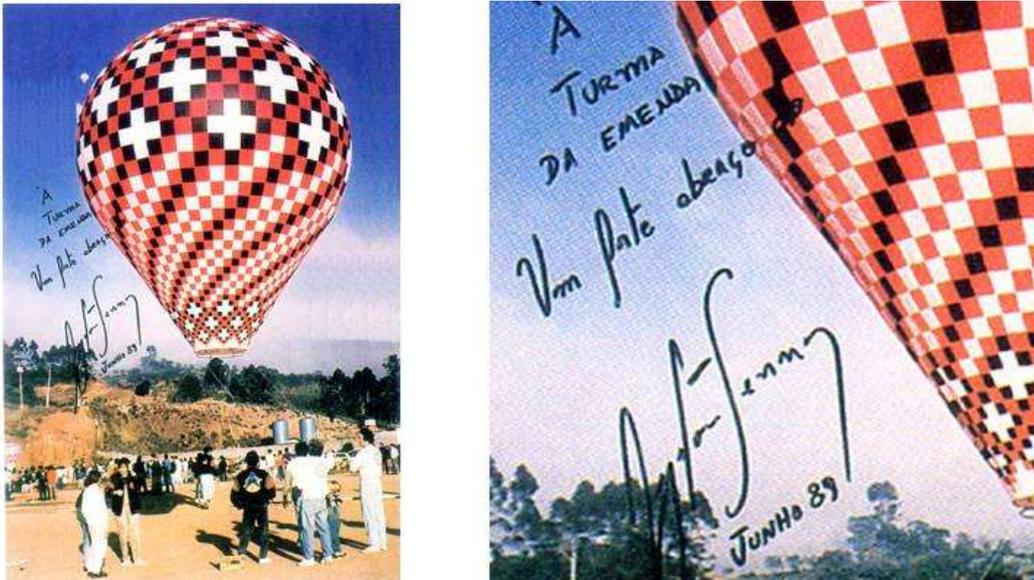
O próprio balão enquanto imagem de um momento pode ser um detonador de certas lembranças, como o caso do balão com o desenho do capacete do Ayrton Senna solto em sua homenagem. A história desse balão solto pela turma da Emenda²² de São Paulo começou em 1988 quando seus membros fizeram um balão de 8 metros, hoje considerado pequeno entre os baloeiros, com uma bandeira do Grande Prêmio da Hungria de Fórmula 1 em homenagem ao piloto. Tempo depois alguns integrantes da turma foram até o escritório do Ayrton Senna em São Paulo levando dois pôsteres, que foram autografados pelo piloto, o corredor ficou com um dos pôsteres e pendurou em sua sala de troféus.

²¹ Fala de Marcos em Entrevista realizada em 11/09/2014 em São Paulo num bar no bairro da Freguesia do Ó.

²² A turma da Emenda surgiu no começo da década de 1980 e existe até hoje, sendo uma das turmas mais respeitadas e conhecidas de São Paulo. Nesse caso, com o consentimento dos integrantes da turma, optei por manter o nome real, devido a toda a sua importância e influência entre os baloeiros.

Após a morte do Ayrton Senna a turma da Emenda resolveu fazer outro balão em homenagem ao ídolo, e este virou um marco na história do balão. O plano era soltar o balão, um Truffi²³ de 27 metros com o formato do capacete do piloto, no dia 1º de maio de 1995, aniversário de morte do corredor, mas devido ao mau tempo o balão foi solto apenas no dia 28 de maio e sob aplausos e assovios tomou o céu. A emoção presente no momento da soltura desse balão se transformou num marco na memória coletiva desses indivíduos. Esse balão emocionou e emociona muita gente e se transformou num dos balões mais copiados e toda a história. Na ocasião, essa soltura teve uma grande repercussão e os meninos da turma chegaram a ser entrevistados pela equipe do programa Fantástico para narrarem a história desse balão.

Figura 4:



Pôster do balão autografado pelo Ayrton Senna. Foto disponível em <https://www.facebook.com/gazetadobalaooficial/posts/480355185419397>

²³ Um dos tipos de modelo de balão que possui a sua parte de cima mais arredondada. Ver anexo II.

Figura 5:

Balão em homenagem a Ayrton Senna solto tem 28/05/1995. Foto disponível em <http://www.planetabalao.com/colunistas/fernando/materia12/materia12.htm>

A memória coletiva também é construída nos momentos de homenagens à colegas mortos seja num discurso em algum ponto de encontro, em camisetas, ou, no mais frequente, no próprio balão que na maioria das vezes estampa numa bandeira o rosto do colega. Alexandre Barbosa Pereira (2012) recorrendo a Joel Candau (2011) para discutir a “pixação” em São Paulo aponta que a memória dos mortos é importante para a afirmação de identidades coletivas, o indivíduo morto se converte num objeto de memória e de identidade, assim, ao se falar dos colegas mortos, anunciam as condições em que vivem, os riscos aos quais estão expostos e constroem um mecanismo de memória e reconhecimento. A homenagem a Ayrton Senna articula a prática do balão à um personagem morto mas que era muito admirado pelo grande público e que por sua vez reconhecia a arte do balão. Para os baloeiros o reconhecimento de sua arte por um personagem admirado internacionalmente foi enxergado como uma maneira de destacar e também legitimar a sua prática, pois se apropriaram da admiração desse piloto e a transformaram numa forma de discurso que justifica sua ação, o que fez com que Ayrton Senna se transformasse em enredo para vários outros balões.

Outros exemplos trazem homenagens à memória daquele que pertenceu ao um mundo no qual considerava o balão como uma arte e que tinha uma vida baseada nas relações acerca desse artefato, como demonstra o texto abaixo, compartilhado em redes sociais e no aplicativo *whatsapp* em memória de um colega morto:

Se os balões falassem...

Imagina quanta história pra contar?

A começar por quem os constroem, os criam...

Quantas coisas a dizer de lá de cima durante os voos?

É, mas hoje se calaram, sem boca ninguém fala, e os que tem ficam em absoluto silêncio, porque, ao contrário dos balões, subiu ao céu um amigo, sem chances de resgate.

Imagine se por um milagre tivéssemos a chance? Mas não, esse só terá um resgateiro o esperando num campo lindo e gramado e, esse alguém é Deus. Sem disputa, sem empurra empurra, sem sorteio.

Deus o pegou sozinho e o guardará pra sempre. Vai com Deus amigo Ferdinando.

Assim como a memória dos mortos é importante e respeitada nesse mundo, a memória dos mais velhos também. Há uma grande consideração pelas narrativas, e pelo que aprendem com os mais velhos. Nesse sentido, nos encontros entre os baloeiros, é considerado uma honra conversar com um baloeiro mais antigo na atividade.

Pensando nessa prática como um processo ritual, as gerações mais velhas são cultuadas, exaltadas e respeitadas por aqueles que se tornaram seus verdadeiros discípulos seguidores de seus valores e ensinamentos. As fotos a seguir foram duas homenagens feitas ao respeitado e “lendário” João Dragão, como eles mesmo afirmam, uma feita para ele ainda em vida, e outra após a sua morte em março de 2015.

Figura 6:



Imagens compartilhadas em redes sociais.

Outro indício da importância da memória e do passado na articulação desse mundo é a comemoração de aniversários de solturas de balões. Como é o caso do balão de 72 metros, solto em junho de 2006, e que, mesmo a turma não divulgando o dia e horário em que o balão seria solto, cerca de 5.000 pessoas se reuniram no *campo*²⁴ de soltura para vê-lo. Desde então, todo mês de junho a turma comemora seu aniversário com festas, nas quais se recontam todo o processo de realização desse balão.

A criação de um acervo fotográfico também é de extrema importância para a construção da memória coletiva desses agentes. Até metade dos anos de 1990 a construção da memória era recuperada através de álbuns de figurinhas de balões, as pessoas exibiam seus álbuns, trocavam figurinhas e relembavam momentos como a confecção, a soltura ou o resgate dos balões desses álbuns. Nesse período também era corriqueiro a presença de “balográfos”, fotógrafos de balão, no campo, podendo em alguns casos ser baloeiros ou apenas admirados da prática. Esses balográfos produzem, tratam as fotos e as vendem, seja em formato normal ou em forma de quadros, até hoje ainda encontramos balográfos no campo ou vendendo suas fotografias em festas e ponto de encontros.

Hoje a proliferação dos aparelhos *smartphones* facilitou o registro fotográfico, a produção de acervos e o compartilhamento rápido de informações. Isso faz com que os acervos se tornem cada vez mais digitais, o que facilita e amplia o acesso a essas fotografias através de redes sociais e aplicativos. Nesses espaços são compartilhadas fotografias de vários momentos históricos de balões, no qual é possível observar a construção da memória coletiva através dos comentários gerados, as pessoas lembram com empolgação “*eu estava na soltura desse balão*”, “*nessa época o céu vivia enfeitado*”, “*eu era moleque e vi essa balão no alto*”.

A ampla rede de sociabilidade e reconhecimento é para os baloeiros um elemento fundamental em suas vidas. Em sua maioria eles são homens, com idades que variam desde crianças até pessoas idosas, isso porque o conhecimento do balão é algo transmitido através das relações familiares e de vizinhança, ou seja, é o pai, o avô, a avó (como ouvi em uma entrevista) e colegas de rua que introduzem seus filhos, netos e vizinhos nessa prática. É por meio da prática do balão que esses indivíduos circulam por diferentes espaços da cidade, entre Estados e até países. Assim, é perceptível que os baloeiros criam dispositivos de circulação e compartilhamento de uma memória coletiva, com a criação de pontos de encontro em festas, sítios e bares.

²⁴ Lugar afastado dos centros urbanos onde se solta o balão.

Entre os espaços de sociabilidade criados por esses atores estão dois bares na cidade de São Paulo, um localizado na zona leste no bairro de São Matheus, e outro na zona norte no Bairro da Freguesia do Ó. Foi nesse último, que focalizei minha pesquisa de campo.

Este bar tornou-se ponto de encontro em 2013. O local pertence a um ex-baloeiro e fundador de uma turma importante da zona norte, hoje ele diz não fazer mais balão, mas mantém um forte vínculo com baloeiros. Até então o ponto de encontro mais próximo era o bar em São Matheus, o que fez com que alguns baloeiros da região da Freguesia, com o propósito de reunir-se mais próximo de casa, conversassem com o dono do bar, de quem, por sinal já eram amigos, para tornar algum dia da semana em ponto de encontro de maneira que contribuíssem também com a movimentação e a venda no local. Feito isso começaram a divulgação fortemente apoiada em redes sociais.

Baloeiros de toda região São Paulo e de outros Estados se reúnem todas as quintas-feiras à noite para contar histórias, trocar experiências e conversar sobre os balões que foram soltos, os que serão soltos no final de semana e os que estão sendo produzidos. Trocam informações sobre o tempo e o clima, trocam fotos e vídeos, comentam as festas organizadas por baloeiros e a ação da polícia contra os colegas. Contudo, um dos principais propósitos no bar é fazer com que eles se sintam “em casa”, um ponto de encontro entre pares que compartilham os mesmos valores.

Algumas dinâmicas comuns nesses pontos de encontros são a venda de fotos impressas de balão, a venda de DVDs com imagens de solturas ou resgate de balões, e as rifas. Os próprios baloeiros rifam balões, maçaricos, camisetas, folhas de papel para a confecção de balão, e o mais frequente, miniaturas de replicas de balões que já foram soltos. As rifas tem uma grande importância na dinâmica dos bares, em alguns casos as regras da rifa são modificadas o que a torna semelhante a um bingo, as pessoas torcem gritam e brincam com os colegas durante esses jogos, além de se transformar num atrativo que contribui com a dinâmica de funcionamento desses espaços, ela se transforma também em um mecanismo de sociabilidade, pois faz com que os baloeiros se reúnam em meio a brincadeiras e expectativas.

Figura 7:

Autora: Erika Paula dos Santos. 18/09/2014.

Assim, esses locais de encontro se transformam em espaços de sociabilidade, interação e de memória, esta que é construída por meio das várias histórias contadas como algo para dar sentido a vida desses indivíduos, como as histórias que são resgatadas na exibição de vídeos de balões nos telões dos bares, ou como a festa da *turma da padaria* que acontece todo ano no dia 15 de novembro e todos os baloeiros aguardam ansiosos essa data. Portanto, é também através da construção de uma memória coletiva dessa prática que esses indivíduos reforçam a justificativa de seu argumento de que o balão é arte e defendem essa prática cultural como algo pertencente a cultura popular.

Capítulo II

A bancada – A Ritualização do mundo do Balão: socialização e símbolos construídos acerca de sua confecção.

2.1 O balão

Com desenhos definidos e de formatos coloridos,
Muita arte no papel (...).
Traços na fisionomia,
De cansaço, euforia, De cada um artesão
Delírio de quem assiste, Loucura para quem insiste
Na incendiária paixão
Permuta da agonia, por um raio de alegria
Subir nosso balão²⁵.

Tião Meyer

Neste capítulo procuro apreender as práticas do mundo do balão como um processo de ritualização. Antes de iniciarmos essa análise é importante pensarmos na definição do que seria o balão. Segundo o dicionário Aurélio define-se balão como: “artefato de papel que se lança ao ar pelas festas juninas e sobe por força de ar quente produzido em seu interior”. Esta é uma definição baseada na materialidade do artefato, contudo, existe outra dimensão deste artefato de papel que é ser carregado de valor artístico para quem o confecciona.

Alfred Gell (2005) define arte como um sistema técnico orientado na direção das consequências sociais que decorrem da produção desses objetos. Toda obra de arte seria resultado de processo técnico, no qual é preciso valorizar não apenas o artista e a produção final, mas principalmente o processo de realização da arte. Nesse processo técnico há certa *magia* que seria a transformação do material em arte, ou seja, o artista agrega afeto à matéria e torna possível transmitir emoções fazendo com que o objeto confeccionado exceda a explicação e fascine o espectador.

Na produção do balão a técnica é altamente valorizada, segundo esses agentes é através dela que se alcança a perfeição artística. Essa perfeição fascina principalmente devido ao questionamento de como pequenos pedaços de papéis de seda cortados em quadrados dão forma ao balão, criam imagens tão detalhadas que até parecem pinturas, ou como pequenos copinhos de papel com pequenos pedaços de velas dentro formam um painel de luz, e por fim ganham o céu. Esse valor artístico que é atribuído a um objeto incomum demonstra como o domínio da técnica é necessário para a produção de uma obra artística, pois o que se manuseia são coisas totalmente adversas – fogo e papel – e como descritas por um baloeiro, a magia do

²⁵ Fala de Tura transcrita do documentário “*Les Ballons Pirates de Rio*”. Direção: Etienne Chambolle. França, 2004

balão estaria justamente em conseguir unir e controlar essas coisas em um único artefato²⁶. O encanto da técnica estaria no poder que os processos tem de lançar uma fascinação sobre nós, ou seja;

O tipo de sofisticação técnica envolvida não é o da tecnologia do ilusionismo, e sim o da transformação radical de materiais; no sentido em que o valor das obras de arte é condicionado ao fato de que é difícil conseguir tal valor dos próprios materiais que essas mesmas são compostas (GELL, 2005:54).

Portanto para entendermos melhor o processo de ritualização que envolve o mundo do balão, este será tratado aqui como um artefato, uma construção artesanal na qual a valorização da técnica é totalmente relevante para se alcançar a perfeição artística, como podemos perceber na epígrafe que traz um poema “nativo”. Entre esses atores é de extrema importância “saber fazer” e “ter experiência”, sendo que esse aprendizado e domínio da técnica precisam ser experienciais, pois segundo eles cansam de dizer: “não se aprende a fazer balão no youtube”, mas sim através do convívio e do aprendizado com os mais experientes.

Na concepção dos baloeiros o artista é aquele que é criativo e domina a técnica, a arte estaria em ter uma ideia e transformá-la em uma realidade compartilhável. Ainda conforme nos aponta Gell (2005) o poder da obra de arte reside nos processos simbólicos que eles provocam no admirador, levando em consideração que o valor atribuído ao objeto artístico produzido está relacionado com a sociedade em que ele está inserido, pois a obra de arte é inerente ao social, é uma entidade física que transita entre os seres, e assim cria uma razão social entre eles, o que fornece um canal e para as relações e influências ulteriores.

Assim a atividade técnica da produção não seria apenas a fonte de prestígio do objeto, mas também a fonte da eficácia no domínio das relações sociais, havendo uma produção das relações por meio da arte. É isso que faz com que o balão extrapole a definição de “artefatos lançados em festas juninas”, pois possibilita que materiais simples como papel de seda e cola se transformem em algo, que eles definem como arte, algo carregado de significados e valores que orientam a sua vida social e os colocam dentro de um sistema de significados, já que o processo de criação técnica do balão envolve a criação de vastos laços de sociabilidade.

²⁶ Comentário de Tura no documentário "*Les Ballons Pirates de Rio*".

2.2 Sociabilidade e confecção

Os balões são produzidos, em quase todos os casos, por meio da organização de alguns indivíduos, as chamadas *turmas*. Isso porque o balão deixou de ser um artefato simples de se confeccionar, e hoje assume grandes dimensões e complexidade, o que requer o envolvimento de um número maior de pessoas. Essa atividade se estende ao grupo familiar, amigos e vizinhos, formando ciclos de relações baseadas em valores e significados específicos desse mundo, como compromisso, amizade e paixão.

As práticas do mundo do balão podem ser apreendidas como um processo de ritualização. Victor Turner (1974) define o ato ritual como uma manifestação marcada por simbologias e representações associados a cosmogonia ou aspectos do cotidiano da sociedade, no qual sem a representação simbólica não seria possível o surgimento de uma atmosfera onde se desenvolve o ritual. Assim como para Turner (1974), para Roberto da Matta (1997) o ritual não deve ser visto como um instante desligado do cotidiano social, mas como presente na própria dinâmica da sociedade, ou seja, os rituais, não são momentos descolados do cotidiano, mas sim, modos de salientar aspectos da experiência diária. Deste modo, considerarmos as ações dos baloeiros como um ritual, nos possibilita compreender os aspectos da vida cotidiana desses indivíduos, relações e seus sistemas de valores, pois os rituais promovem a identidade social e constroem seu caráter (DA MATTA, 1997:29). O balão aqui é entendido como um objeto simbólico carregado de significados que permite o surgimento desse momento ritual.

Segundo Sandra de Sá Carneiro (1986) o balão, por criar um momento coletivo, pode ser entendido como um ritual de integração social. Esse mundo reúne vários segmentos distribuídos como produtores, participantes e espectadores, sendo essas diferenças suprimidas de modo que os vários agentes participam de um grande ritual.

O momento inicial desse processo de ritualização começa na bancada, onde ocorre a confecção, ela é o ponto de partida para compreendermos os valores e símbolos que permeiam essa prática. O processo de produção desse artefato pode envolver meses ou até anos dependendo do seu tamanho, do número e da disponibilidade dos integrantes da turma. Esse momento é de extrema importância, pois é o princípio da formação da dinâmica das turmas.

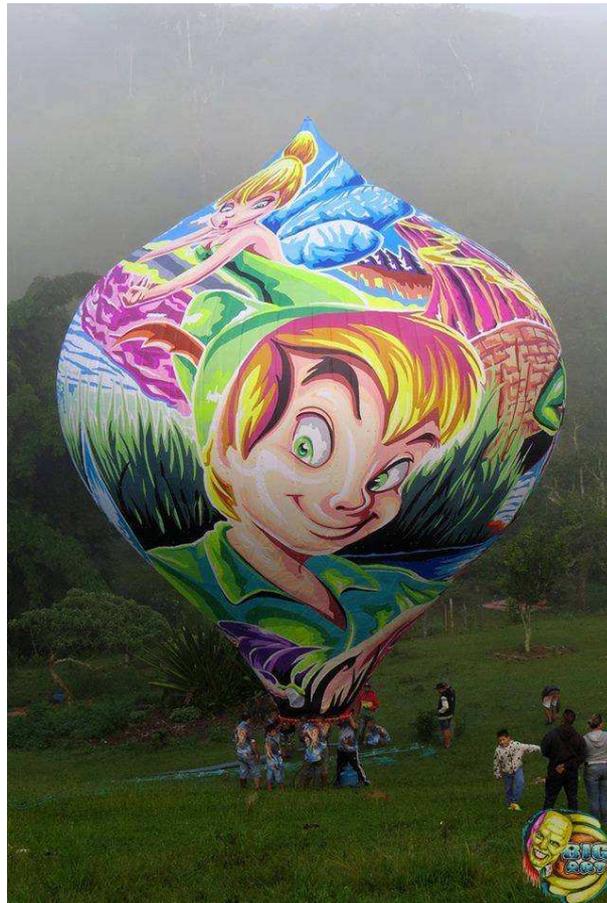
Como referido acima, as turmas se formam a partir de relações estabelecidas por laços familiares ou de vizinhança. Em alguns casos para que um integrante ingresse na turma ele precisa ser “*apadrinhado*” por algum membro, ou seja, um integrante se responsabiliza por

ensinar todos os valores e regras. Quando o baloeiro vem de outra turma, isso não é preciso, pois o novo integrante já possui experiências e conhecimento dos valores exigidos nesse mundo do balão, além de possuir habilidade e técnica para a confecção.

Assim como existem regras para serem aceitos, também existem regras para se manterem ou caso contrário a turma decide pela exclusão. Caso os indivíduos se sintam incomodados ou ofendidos com atitudes de algum baloeiro, eles se reúnem discutem a questão e se for necessário optam pela expulsão, mas essa situação não é algo corriqueiro, só ocorre em situações de extrema gravidade. Na maioria dos casos eles relevam alguns problemas “para não perderem um amigo”, sendo que na maioria dos casos, para evitar maiores desconfortos ou intrigas, os indivíduos, focos das desavenças, saem das turmas por iniciativa própria.

Os trabalhos de confecção do balão geralmente são iniciados à noite, período em que os integrantes chegam de suas atividades profissionais, e muitas vezes se estendem até a madrugada ou até o outro dia, principalmente nos finais de semana.

Os preparativos para a confecção de um balão se inicia com uma conversa da turma, com a apresentação de sugestões de temas propostos para serem retratados no balão, esses temas podem variar desde uma homenagem a familiares, a filmes ou assuntos históricos. No processo de escolha do tema e criação são acentuados aspectos como o a originalidade do enredo, o impacto visual, tipo de decoração e o tamanho. Este último é o menos relevante dos aspectos, já que se valoriza mais a beleza de um balão e não o seu tamanho. Como foi o caso do balão de 105 metros, solto em julho de 2014, que apesar de ter sido o maior balão solto na história, não impressionou muito os baloeiros por conta da falta de detalhes. A foto seguinte traz a imagem de um balão de 16 metros que se destacou devido a sua beleza e riqueza de detalhes, e não por seu tamanho.

Figura 8:

Balão “Peter Pan”. Foto disponibilizada em páginas sociais restritas.

Há também o caso dos integrantes que não colaboram com nenhum tipo de ajuda técnica, artesanal ou financeira, os que só querem *vestir a camiseta da turma*. Esses indivíduos que dizem fazer parte da turma, mas que aparecem apenas no dia da soltura para, como eles mesmos dizem, *tirar foto com a mão na boca do balão* são apelidados de “dentistas”²⁷.

Em algumas ocasiões em que um balão de alto custo é produzido ou quando a turma quer acelerar a produção, os integrantes colaboram com uma renda a mais além da mensalidade já existente, nesse caso não há um valor estipulado, sendo que cada integrante colabora com quanto pode e a turma também conta com a ajuda de amigos próximos que não fazem parte da turma. Na turma não há um único responsável pela arrecadação de dinheiro, normalmente entrega-se o dinheiro a quem tem tempo disponível para comprar os materiais a

²⁷ Apelido tido como uma brincadeira que relaciona a boca do balão com o profissional da saúde que cuida da saúde bucal.

serem utilizados. Portando essa função muda conforme a disponibilidade dos membros, sendo que todos se responsabilizam por cobrar os colegas.

A gente tem uma mensalidade fixa, um exemplo R\$40,00 por mês, aí precisa de R\$50,00 para comprar folha (...) a gente faz um rateio, só que tem gente que tem condições financeiras melhores e já dá R\$50,00 ou R\$100,00. E a gente tem muito amigo que não é da turma e que gosta da turma e ajuda também.²⁸

São muitos os esforços para se conseguir arrecadar dinheiro para terminar um balão, como no caso narrado com humor por Douglas, baloeiro há mais de trinta anos e fundador de uma das turmas mais antigas de São Paulo. Ele conta que certa vez pediu para ser dispensado do emprego com o propósito de terminar o balão com dinheiro que iria receber da rescisão. Apesar do esforço, o plano não deu certo, pois, Douglas foi assaltado assim que recebeu o dinheiro.

Parte do material utilizado na confecção do balão pode ser comprado em papelarias comuns, como papel de seda e cola. Mas no caso de materiais mais específicos como determinados tipos de papel, fio dental²⁹ e fogos, são comprados com pessoas indicadas por amigos, pois são materiais que não se encontram facilmente no mercado. A venda desses materiais é anunciada frequentemente nas redes sociais como em grupos fechados no *facebook* ou através do aplicativo *whatsapp* utilizado em telefones celulares.

Existem vários tipos de papéis utilizados na confecção de balões, como o papel Hulk, usado na produção de balões grandes devido a sua resistência, esse tipo de papel não é mais fabricado, o que eleva muito o seu preço. Alguns baloeiros ainda o possuem e o comercializam, e como presenciei em uma conversa informal existem baloeiros que deram um carro em troca desse tipo de papel.

Outro tipo de material também negociado através do contato entre amigos e das redes sociais são os projetos, que são desenhos criados a partir da escolha do tema e do formato, já com as medidas dos tamanhos que os papeis precisam ser cortados para dar forma a um balão ou a sua bandeira. Esses projetos são comprados quando a turma não possui nenhum membro desenhista para produzi-lo. O projeto de um balão é chamado de leque, devido à forma que o desenho tem, que é um pedaço pequeno de papel com o desenho do

²⁸ Fala de Roger (nome fictício) integrante da turma Sandu Mosaico gravada em entrevista da pesquisa de campo em 19/06/2014.

²⁹ Espécie de linha de nylon, semelhante à utilizada para higiene bucal.

balão e com medidas que o darão forma. Já o formato do projeto de uma bandeira, utensílio que sobe pendurada embaixo do balão³⁰, é mais simples, sendo semelhante a uma foto.

Figura 9:



Leque – Projeto de balão

Disponível: http://www.corelmania.com.br/portal/index.php?option=com_kunena&func=view&catid=8&id=6655&Itemid=90

Depois de estar com o projeto em mãos, o trabalho é dividido entre os integrantes, sendo que cada um fica responsável pela confecção de algumas partes do balão. Normalmente esse artefato é construído por gomos que são secções de sua superfície. O número de gomos utilizados varia conforme o modelo do balão como Pião, Truff, Bagda, Golfier, Lapidado, Modelado e Balão recorte (ver glossário imagético dos modelos no Anexo III), em sua maioria os balões apresentam quase os mesmos princípios de confecção.

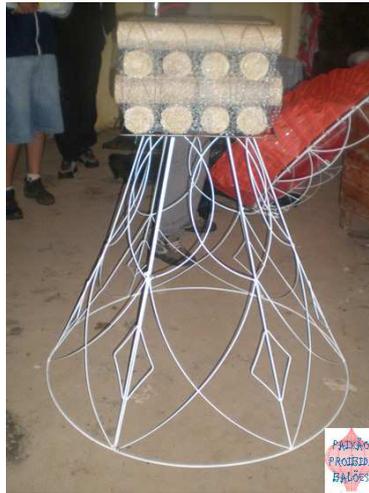
Uma das tarefas que exige maior cuidado é a produção da bucha e a montagem da gaiola. Para soltar um balão é preciso que o ar no interior seja mais quente que o ar externo, esse aquecimento é possibilitado pelo fogo que é mantido pela bucha. Os tipos de buchas mais utilizadas são preparadas com algodão, papel higiênico ou estopas embebidas em parafina. Após finalizada, a bucha é posta na aranha³¹ e fixada no balão apenas da hora da soltura.

³⁰ Ver anexo I.

³¹ Estrutura utilizada para prender a bucha e se encaixa na boca do balão. Anexo III

A gaiola, ou cangalha, é uma estrutura em forma de caixa ou bandeja feita com varetas semelhantes a flechas, onde são fixados os fogos que estouram no ar através de um pavio. O processo de confecção da gaiola envolve muito cuidado, pois se manuseia algo altamente inflamável e qualquer distração ou erro pode ser letal, como a explosão que ocorreu em 19 de agosto em 2001, na zona norte de São Paulo, provocando a morte de oito garotos que preparavam uma gaiola para um balão que seria solto naquela noite.

Figura 10:



Bucha de Balão. Foto disponível em <http://paixaoproibidabal.blogspot.com.br/2011/06/truff-16m-tbalomaniacs-e-caverna-sp.html>

Figura 11:



Gaiola de fogos. Foto disponível em <http://www.planetabalao.com/bastidores/impacto/>

O trabalho é dividido em etapas que são distribuídas entre os membros. Conforme a complexidade é necessário maior ou menor número de indivíduos. Algumas dessas etapas

são: cortar papel, colar as folhas, produção da boca, da bucha, do bico, da aranha, da antena e da gaiola. As funções são divididas conforme a habilidade de cada um, por exemplo. Após a divisão de funções é hora de ir para a bancada.

2.3 A bancada

A bancada é o espaço em que se confecciona o balão, onde o projeto e o sonho do baloeiro ganham vida. Semelhante a uma mesa gigante seu tamanho pode ser variado dependendo do espaço que cada indivíduo possui disponível, 3m, 15m ou até 30 m como já escutei em um depoimento. Toda turma possui uma bancada central que seria a sede decorada com quadros, fotos, réplicas de balões e troféus. As organizações dessas sedes são essenciais, pois demarcam um lugar específico desse grupo que carregam e compartilham sonhos e projetos que precisam ser mantidos em segredo. Nesses espaços as pessoas se reconhecem e compartilham valores, visões de mundo e materializam os seus projetos coletivos.

Conforme as considerações de Victor Turner (1974) o ritual é uma manifestação povoada de simbologias e representações que podem estar associadas a aspectos ligados ao cotidiano da sociedade. Porém, é num ambiente diferenciado da realidade cotidiana onde o ritual se desenvolve. Com base nessa consideração, a bancada é tida como o espaço inicial no qual se desenvolve o processo ritual do balão.

A bancada da sede não é marcada pela presença de todos os membros da turma diariamente devido a situações diversas – distância da casa, jornada de trabalho, de estudo, etc. Mas a confecção é praticada quase que diariamente por esses agentes, portanto para isso, além da sede central a maioria dos baloeiros possui uma bancada própria em casa improvisada em salas, quartos, quintais ou garagens onde realizam os seus trabalhos. Nesse ambiente doméstico a bancada aparece como um lugar onde os indivíduos relaxam em seus momentos de folga, como um espaço onde é possível distrair depois de um dia estressante de trabalho.

Há uma separação do tempo de trabalho e das obrigações sociais cotidianas do tempo de lazer. Sendo que a confecção, soltura e resgate do balão ocorrem nos momentos ditos de lazer. Entretanto, o balão é apontado como um dos elementos centrais em suas vidas, uma prática séria carregada de valores, sob a alegação que o balão “*está na alma de quem o faz*”, “*está no sangue*” e que “*falta o ar não poder fazer balão*”.

Lucas Lopes de Moraes (2014), recorrendo a Robert A. Stebbins (2008), em sua dissertação sobre o cenário *black metal* paulista, demonstra que o lazer, visto como o tempo

livre para o desfrute pessoal, pode tomar uma proporção séria, evidenciando o que o autor define como *lazer sério*. Stebbins (2008) divide três categorias de atores sociais que auxiliam na compreensão dessas práticas, que são: o amador, o hobista (relacionado a hobby) e o voluntário, sendo que cada categoria indica tipos diferentes de envolvimento e recompensas sociais e pessoais. A compreensão dos tipos de envolvimento e comprometimento estaria baseada na maneira como os atores classificam as suas práticas, se a consideram ou não como sérias. O *lazer sério* seria capaz de explicar as manifestações, frequentemente tidas como lazer, mas que apresentam alto grau de comprometimento e seriedade por parte de quem o pratica, podendo elas se transformar até em uma forma de complementação de renda.

É possível observar entre os baloeiros que o comprometimento com essa prática auxilia na renda de alguns. Por exemplo, através da venda de camisetas, fotografias, réplicas, acessórios para balão, DVDs, e outras infinidades de coisas que auxiliam no complemento de renda mensal desses atores.

Figura 12:



Réplicas de balões. **Autora:** Débora Faria, 01/2015.

Figura 13:



DVDs e rifas. **Autora:** Débora Faria, 01/2015.

Antes da lei de 1998, muitas bancadas não eram restritas apenas às turmas, a comunidade participava na produção de alguns projetos. Os vizinhos ajudavam na decoração do balão, faziam lanterninhas, redes, etc., esses sujeitos queriam participar de alguma forma, pois a ajuda da confecção de um balão era motivo de reconhecimento social e orgulho para todos. Se antes da criminalização do balão a bancada aparecia como um espaço que promovia a sociabilidade da vizinhança, hoje ela se tornou um espaço fechado, uma espécie de segredo ou de lugar sagrado.

Para que uma pessoa seja convidada a conhecer a sede da bancada de uma turma é preciso que ela seja considerada confiável e muito próxima dos integrantes. Esse espaço é como se fosse o templo restrito da turma, repleto de imagens idolatradas pelos indivíduos. Um lugar sagrado habitado por sonhos, preces e onde os projetos ganham forma. Rodeada de segredos, valores e símbolos torna-se um lugar restrito, pois a “*vida de muita gente se encontra lá*”³² e, tanto essas vidas e como os sonhos podem ser prejudicados caso haja uma denúncia. Nesse local, se procura manter o silêncio e a discrição, apesar das reuniões, festas ou partidas de truco, é preciso que se mantenham em segredo as ações que ocorrem ali, por

³² Fala obtida em conversa informal com o baloeiro Gilberto durante pesquisa de campo em setembro de 2014.

isso o silêncio aparece como uma maneira de não chamar atenção principalmente dos vizinhos que podem não simpatizar com a prática desses agentes.

O segredo é de extrema importância para que se evitem denúncias, mas, além disso, o segredo do que se produz na bancada também envolve uma questão ética, que se não observado pode gerar fortes conflitos. Dificilmente a turma divulga detalhes como desenho, tamanho e adereços do balão que está sendo produzido na bancada, o propósito é que o balão impressione e que isso não seja prejudicado com informações de detalhes do balão que ninguém viu ainda. Outros aspectos que justificam o sigilo é o risco das ideias serem copiadas, pois o intuito da turma é se destacar com a soltura de seu balão e nesse contexto de competição procura confeccionar um balão para superar os de outras turmas.

Durante a realização da minha pesquisa de campo conheci uma turma composta por integrantes movidos por duas paixões, o grafite e o balão. Essa turma inovou com uma a ideia de criarem balões grafitados, o que envolveu um intenso estudo de técnicas, pois a tinta spray utilizada na produção do grafite deixa o balão muito pesado o que dificulta a sua soltura, quando eles revelaram essa técnica para mim pediram segredo, pois nenhuma turma até então a havia utilizado. Com o tempo algumas fotos e informações começaram a ser compartilhadas e, a turma se sentiu insegura quanto ao risco de plágio, resolveram divulgar amplamente que aquela ideia inovadora era deles.

Alguns baloeiros espalham informações, algumas vezes falsas, sobre a confecção e a data de solturas de balões, provavelmente para transmitir a falsa ideia de que são detentores de informações exclusivas no mundo do balão na tentativa de elevarem o seu *status*, ou às vezes apenas por vingança por não terem sido comunicados de alguma outra soltura. Isso gera um grande desconforto entre eles, e quando conseguem identificar esses “fofoqueiros” o apelidam de “língua de bobina”, brincadeira que faz referência ao grande rolo utilizado para enrolar papel.

Os vários apelidos criados entre os baloeiros demonstram os conflitos presentes em suas próprias relações. É através dessas “brincadeiras” que se cobram (dinheiro ou postura), se estabelecem as posições dos indivíduos e se cobra atitudes de alguns indivíduos dentro da dinâmica do grupo.

Em uma saída de campo, João, um dos principais interlocutores de minha pesquisa, me apresentou a Cristiano. Entre as brincadeiras, muito comuns entre os baloeiros, João que ficava pedindo dinheiro a Cristiano acabou por apelidá-lo de pai, e assim o chamou durante toda conversa.

Cristiano começou a soltar balão ainda quando era adolescente. Disse que quando tinha dezessete anos soltou um balão juntamente com a sua turma e no momento que estavam saindo do campo foi abordado por policiais, e como ele era “*moleque*” não sabia como argumentar, acabou sendo preso e passando três dias na cadeia porque o seu pai demorou a achá-lo. Quando uma situação como essa ocorre o argumento que os baloeiros mais utilizam para se inocentar é que não foram eles que soltaram, já que o como o balão já estaria no céu, e não existiriam provas de quem acendeu e soltou o balão.

Depois desse acontecimento Cristiano falou que parou de soltar balão. Questionei como ficaram as suas relações sociais nesse período, e ele disse que conseguiu ficar “*sossegado*” porque não saía de casa, que limitou suas relações a sua família e que isso contribuiu para que ele conseguisse ficar afastado por um tempo do balão. O seu retorno ocorreu porque Cristiano tinha um primo que esteve preso por um tempo e quando ele saiu da prisão sua tia procurou Cristiano e pediu para que ele ajudasse o seu primo a fazer algo de que ele gostasse, como uma forma de distrair a cabeça e ocupar seu tempo. Como seu primo gostava de fazer balão, Cristiano voltou a fazer o artefato como uma maneira possível de ajudá-lo. E foi seu primo quem o apresentou aos membros de sua turma atual.

Cristiano citou que no começo João não aceitou a sua entrada na turma. João ouviu a narrativa e brinca questionando: “*quem era Cristiano?*”. Essa fala demonstra como as brincadeiras entre os baloeiros situam a posição dos indivíduos no grupo, pois essa recusa inicial ocorreu porque Cristiano não possuía uma história na prática do balão e não vinha de nenhuma outra turma. Atualmente, porém, Cristiano se tornou um dos membros de destaque na turma.

Ao narrar o seu retorno para o mundo do balão, Cristiano falou que a prática “*salvou*” seu primo. João citou que o mesmo acontecera a outro dos membros de sua turma que começou a abusar do uso de drogas a ponto de atrapalhar a sua vida pessoal e o desempenho da turma. Nesse caso, a turma se reuniu e o chamou para uma conversa aconselhando-o a parar, pois, caso contrário, o expulsariam. O rapaz, então, se dedicou ao balão e se afastou do uso de drogas. Foi nesse contexto que ele se tornou um dos principais responsáveis pela produção de um dos balões mais representativos da história. Após descrever esse acontecimento João repete a frase de Cristiano “*balão salva*”.

Considerando essa narrativa e a compreensão do mundo do balão como um processo ritual, o balão aqui pode ser entendido como o *operador de milagres*, como um artefato milagroso que possibilita a solução de problemas pessoais desses atores. A recuperação dessas

histórias pelos nativos aparece, assim como a ideia de tradição, como algo que justifique a sua prática, para que ela passe a ser considerada como algo importante para as vidas das pessoas e não como um crime, pois segundo esses agentes, o balão se transforma numa maneira possível de afastar as pessoas de problemas que possam prejudicar a elas e a sociedade.

Tive acesso a algumas bancadas e, em alguns casos, com certas limitações quanto à produção de fotografias, isso devido aos enormes riscos de se manter uma bancada, seja em uma sede central ou em casa, pois são frequentes os relatos de denúncias feitas por vizinhos, ou até mesmo por colegas invejosos ou com quem tenha tido alguma forma de atrito. Também estão sujeitos a situações inusitadas como a narrada por Júlio que possui uma bancada em casa. Ele conta que certa vez estava organizando uma festa em sua garagem quando uma viatura da polícia chegou e perguntou quem era dono do imóvel, Júlio na hora se assustou acreditando que haviam feito alguma denúncia, mas quando respondeu que ele era o proprietário, o policial falou que havia uma denúncia de sequestro na casa ao lado, Júlio prestativo, e esquecendo da bancada, perguntou se os policiais queriam entrar pela casa dele para acessar a casa do vizinho, no mesmo momento seu irmão pisou no seu pé, e um outro vizinho que sabia da existência da bancada de Júlio sugeriu que os policiais entrassem pela casa dele, o que livrou Júlio de um flagrante.

No caso da produção do balão ecológico, os baloeiros filiados a ABB possuem um documento que permite que eles produzam e transportem balão sob a condição de não ter bucha, fogos ou materiais que possam causar incêndios. A proposta é que os balões ecológicos sejam biodegradáveis, que não possuam nenhum tipo de material que danifique a natureza, nem mesmo qualquer material ou parte metálica que possam gerar curto circuito. Já ouvi relatos de membros da ABB que foram abordados na bancada de suas casas, mas que não sofreram nenhum tipo de penalização por portarem esse documento.

Quando os números de denúncias se intensificam as redes sociais aparecem novamente, mas dessa vez utilizadas como uma tática entre os baloeiros, eles compartilham certo sinal de alerta, para que os colegas se previnam e retirem de suas bancadas coisas que possam incriminá-los no caso de uma suposta denúncia.

Podemos considerar que o que move a bancada é o fato da confecção propiciar a sociabilidade entre os indivíduos. Esses se unem com o propósito de vencer obstáculos e dificuldades, que em algumas situações podem até “salvá-los”, e produzir trabalhos que consideram fantásticos, além desses momentos vivenciados na bancada representarem a edificação de sonhos baseados numa atividade que exige técnica e arte. A ação combinada, as

tarefas divididas que envolvem compromisso, responsabilidade, respeito e lealdade é valorizada e legitimada entre os baloeiros. É uma forma de *lazer sério* como define Robert A. Stebbins (2008) e que, ocupando uma parte da vida cotidiana desses indivíduos e do que eles consideram uma memória coletiva, pode ser considerada uma experiência e uma ação coletiva.

2.4 Balão e pipa

Atrelado ao mundo do balão está também a confecção e o gosto por pipas. Assim como o balão, as pipas foram trazidas para o Brasil no século XVI pelos colonizadores portugueses. Ao longo de sua história a pipa também já obteve vários significados e utilidades como instrumento de defesa, armas ou como artefatos que atraem felicidade, sorte e fertilidade³³. Atualmente ela é considerada em nossa sociedade como uma brincadeira que encanta adultos e crianças. A confecção da pipa é considerada simples, papel de seda colado sobre varetas, e o objetivo é fazê-las voar.

Muitos baloeiros também gostam de pipa. A princípio associava o gosto dos baloeiros por pipas ao encanto pelo céu ou ao papel de seda, mas percebi e eles demonstraram que a relação com a pipa vai além dessas considerações. Para os baloeiros a paixão pela pipa está associada ao ato produzir, confeccionar algo que envolve criatividade e técnica, dar-lhe forma e em seguida vê-la tomar o céu, assim a pipa também aparece como um artefato carregado de valores simbólicos.

Um dos valores presentes no balão e que também envolve os valores dessa brincadeira é a ideia de desafio, de dominar uma técnica, já que ela precisa ser confeccionada corretamente para que possa levantar voo. Para isso é preciso pensar em técnicas, como a da confecção da rabiola, por exemplo, para que ela se equilibre. Outro desafio presente é a competição que ocorre nas famosas brincadeiras chamadas de “relo”, que consiste em ser ágil e habilidoso para cortar a pipa do adversário conseguir apará-la ou conquistá-la. Essa ideia de desafio e o desejo conquistar o artefato, também estão presentes no momento do resgate do balão, como veremos mais adiante.

Existem também festivais e campeonatos de pipas que ocorrem em vários Estados do país, onde centenas de pessoas, em sua maioria baloeiros, se reúnem para colorirem o céu com pipas de diversas cores e formas e também realizarem competições. Esses festivais são

³³ Disponível em <http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI8904-10531,00.html>. Acesso em 21/08/2015.

frequentados por pessoas de várias idades, pois o que se percebe é que, assim como o balão a pipa também possui valores transmitidos através das gerações, geralmente é um gosto e uma prática aprendida com a família.

Vários são os casos de baloeiros que se tornaram proprietários de lojas de materiais para pipas, semelhantes às papelarias, essas lojas vendem pipas já prontas, materiais para a sua confecção e de maneira sigilosa alguns materiais para a produção de balão também.

Certa vez conheci Pedro, baloeiro que produz pipas frequentemente, e que me falou do prazer que sente em produzi-las e de poder erguê-las e dominá-las no céu. Em meio a nossa conversa Pedro me mostra a sua mão, e diz que amputou o seu dedo mindinho manuseando linha com cerol, cortantes feitos da mistura de vidro e cola adicionada à linha da pipa e utilizado durante a brincadeira para cortar a linha do outro e pegar sua pipa.

Assim como as cicatrizes deixadas pelos balões, sejam por queimaduras, quedas ou tiros, essas sequelas deixadas no corpo pelas pipas também representam o empenho e esforço para vencer um desafio e alcançar os seus objetivos, elas são como medalhas que com orgulho são exibidas como símbolos de suas determinações e paixões. Essas marcas mexem com o ego desses agentes que as exibem sempre ressaltando, a força, a coragem e esperteza no momento em que as adquiriu. Livrar-se de uma situação perigo é encarado como algo positivo e engrandecedor tanto nas brincadeiras de pipas, quanto nas práticas relacionadas ao balão.

Do mesmo modo que o balão a soltura de pipas também gera um debate público polêmico associado principalmente à utilização desses cortantes. Alguns municípios do Brasil implantaram lei que proíbe o seu uso, devido aos acidentes que provocam. Quem mais sofre com o uso desse cortante são os motociclistas, segundo a Associação Brasileira de motocicletas ocorrem mais de 100 acidentes por ano, que resultam em muitas mortes³⁴, sem falar em outras formas de acidentes como descargas elétricas, atropelamentos ou quedas de lajes.

O que é possível perceber até aqui é que a pipa e o balão, atualmente são algumas formas de brincadeiras de rua que adquiriram grandes dimensões que envolvem trabalho, criatividade, desafio e adrenalina, tudo isso dentro de fortes debates públicos. Percebe-se que a emoção está em ter o domínio sobre algo confeccionado de maneira artesanal e com matérias simples que colorem o céu, encantam seus espectadores e possibilita o surgimento de sociabilidades entorno desses artefatos.

³⁴ Disponível em <http://www.obrasileirinho.com.br/brincar-criancas/brincadeira-soltar-pipa/>. Acesso em 21/08/2015.

2.5 Mulheres e balões

Como citado na introdução, a presença de mulher na bancada não é algo muito corriqueiro, muitas vão às festas, acompanham os seus companheiros, e dependendo da situação colaboram com alguma atividade simples do processo, como a confecção de lanterninhas frequentemente destinadas a mulheres e crianças, mas poucas realmente se consideram baloeiras.

Tatiana³⁵, uma das poucas mulheres que conheci que produz balão nos conta que possui mais facilidade na produção de bandeiras. Portanto, na sua turma, essa atividade que envolve as etapas de corte e colagem de papel é destinada a ela. Tatiana declara que sempre se sentiu insegura em produzir o balão em si, devido ao peso da responsabilidade. Ela ressalta que mesmo sendo mulher sempre foi muito bem aceita na turma e que as opiniões dela são levadas muito a sério, e que eles a tratam como se “*fosse um homem da turma*”. Tatiana destaca essa posição dos membros da turma para ilustrar que a questão de gênero pouco influencia em sua atuação na bancada, mas não nega que em outras situações o fato de ser mulher faz com seja tratada de maneira diferente, e que chega a sofrer preconceito relacionado à ideia do senso comum de que balão é coisa de homem. Mas o inverso também ocorre, as mulheres também são elogiadas por seus trabalhos, pois consideram que o trabalho de uma mulher é produzido com mais cautela e capricho.

Como retratado em meu relato de inserção de campo no texto da introdução, o mundo do balão é fortemente marcado por valores masculinos, e a presença de mulher desperta situações em que os homens testam o seu poder de sedução, além do que a ideia de ter uma companheira que os acompanhem em seus feitos encanta vários homens “*é legal para qualquer cara ter uma pessoa que gosta de balão, porque ele não quer sair desse mundo, ele quer agregar mais pessoas ao lado dele*”. Sendo assim, essas mulheres precisam saber lidar com os frequentes assédios, e através da educação e empenho buscam ser reconhecidas pela produção de seus trabalhos.

Algumas mulheres relatam que as maiores críticas provém da família por elas produzirem coisas ilegais, ou por pessoas de fora da prática do balão que “*estranham*” o fato delas pertencerem a ciclos sociais marcados pela forte presença de homens. Esse “*estranhamento*” é causado devido ao preconceito que gera diversas formas de desrespeitos contras mulheres que andam apenas na companhia de homens, e faz com que elas recebam

³⁵ Nome fictício.

classificações e apelidos pejorativos. O “estranhamento” também ocorre, pois como presenciei nas falas de baloeiras, essa não é uma forma de lazer tipicamente comum por fugir do padrão estereotipado de comportamento feminino: “*Chega final de semana eu não penso se vai ter uma festa, se vai ter uma balada, eu só penso se vai ter balão*”³⁶.

Essa fala simboliza a importância que o balão tem na dimensão da vida social dessas mulheres, assim como na vida dos homens. O que se observa é que essas poucas mulheres se esforçam, mais do que o necessário nos casos dos homens, para conquistarem seu devido respeito e reconhecimento no mundo do balão, assim como ocorre também em outras esferas da vida social. Driblando o assédio e a baixa credibilidade elas procuram, através da seriedade do seu trabalho e comprometimento o seu *status* de baloeiras.

³⁶ Fala de Tatiana em entrevista de campo gravada em maio de 2015.

Figura 14:



Fotos de baloeiras retiradas de suas redes sociais com consentimento das mesmas.

Capítulo III - A Soltura

3.1 Do Campo ao Céu - Que comece o espetáculo!

Após a confecção do balão é chegado o momento ápice do ritual, a soltura. Essa é a etapa de maior emoção para a turma, na qual é possível verificar o resultado de planos, trabalho e muita dedicação em que se realiza um sonho, alcançando um fim almejado.

A soltura precisa ser bem planejada para que o lançamento do balão se transforme num verdadeiro show. O planejamento começa com a escolha do campo, que é o espaço específico para o lançamento. O local e o horário da soltura sempre são mantidos em segredo até horas antes do lançamento, sendo divulgados apenas para colegas próximos, mas essas informações acabam chegando à centenas de pessoas durante a madrugada que precede a soltura. Dependendo do tamanho do balão, eles são soltos de lajes, quintais ou ruas, o que aumenta o risco de denúncias, e também o risco de causar acidentes, como os próprios baloeiros reconhecem.

Para o lançamento de balões grandes são escolhidos campos afastados das regiões urbanas. Alguns desses locais tornam-se famosos entre os baloeiros como sítios, chácaras ou pesqueiros que as turmas pagam para soltar seus balões. Os donos desses espaços normalmente não são baloeiros, mas estabelecem um vínculo com esses agentes e alugam esses espaços para soltura. Mas também existem vários campos abertos que tornaram-se referências famosas como a região de Mairiporã. Após a escolha do campo é preciso escolher a data, esse processo envolve uma pesquisa e uma densa troca de informações entre eles com relação ao clima. Aliás, condições climáticas é um assunto corriqueiro na conversa entre baloeiros. Se mesmo chegando ao campo e os baloeiros considerarem que o clima pode prejudicar o lançamento e danificar o balão, a soltura é remarcada.

O período do ano em que se costuma soltar mais balões é o mês de junho. Além das solturas em celebração aos festejos juninos, nesse período as condições climáticas também colaboram. No mês de junho os ventos são mais fracos o que contribui com a subida e estabilidade do balão no alto por um período mais longo diminuindo a dificuldade no momento de inflar o balão e o risco de queimá-lo.

Em sua pesquisa realizada com os baloeiros do Rio de Janeiro na década de 1980 Sandra de Sá Carneiro (1986) relata que era frequente a confecção de uma espécie de convite, que eram distribuídos entre amigos, familiares e vizinhos, em que eram indicados o dia, hora e local do lançamento, o tamanho do balão, os ornamentos, e que também traziam

informações sobre o tema ou motivo da confecção do balão. Sabemos que atualmente essa ação é impensável devido ao risco de denúncias, mas essa antiga produção de convites serve para nos ajudar a pensar nas ações que se transformaram e nas que se mantiveram no mundo do balão.

Essa prática simboliza uma concepção que se manteve na situação atual, que é a consideração do momento da soltura como um grande evento, uma festa, preparada e planejada nos mínimos detalhes e que envolve trabalho e dedicação de vários atores.

Ao mesmo tempo simboliza as mudanças que vieram com a criminalização, como a mudança dos locais de solturas e a participação menos intensa das famílias. Muitos baloeiros viveram esses dois momentos da história do balão e apontam as mudanças que tiveram que ser feitas, como o deslocamento da soltura na cidade para lugares mais afastados:

Se antigamente andávamos 100 km para vermos um balão de quatorze, doze, metros, hoje em dia a gente anda 300 km para ver um balão, e a participação de família no campo diminuiu isso devido não apenas à distância, mas também às ideias que circulam nos veículos de comunicação³⁷.

Retomando a descrição da soltura, após o processo da escolha do local e dia é preciso com muita cautela escolher a maneira que o balão será transportado. Dependendo do tamanho do balão a turma aluga uma van, ou até mesmo uma caminhonete para transportá-lo. Esse processo envolve um cuidado extremo, pois qualquer problema pode acabar com o trabalho de meses ou anos, e prejudicar vidas tanto na dimensão emocional como judicial.

Esses são os passos iniciais de uma etapa que mobiliza várias pessoas, que motivadas pela mesma paixão tentam chegar ao fim almejado, que é ver o seu balão dar um verdadeiro show. Vários símbolos e emoções perpassam esse momento de tensão e ansiedade. Para uma melhor compreensão desse momento optei por narrar a experiência que vivenciei em uma situação da pesquisa de campo em que fui convidada a assistir a um festival de balão.

Após pouco mais de um ano do início de minha pesquisa já havia conquistado a confiança de vários baloeiros, que por sinal foi um longo e árduo caminho como descrito na introdução. Um desses baloeiros era Vicente³⁸, que por residir no mesmo bairro que o meu eu já o conhecia antes mesmo de iniciar esse trabalho, sendo que a nossa relação se estreitou durante a realização de minha pesquisa de campo, pois ele passou a me oferecer carona para

³⁷ Fala de Douglas gravada em entrevista de campo realizada em 19/06/2014.

³⁸ Nome fictício.

os encontros dos baloeiros, e acabou se tornando um dos principais interlocutores de minha pesquisa.

Num sábado à noite Vicente me informa sobre uma da possível realização do festival no domingo de manhã, até então nada confirmado. Dificilmente se sabe com antecedência local, hora e data de soltura do balão. Entre ligações e conversas no aplicativo *whatsapp*, por volta das 23h recebo a confirmação da soltura e consegui carona com um amigo que iria apenas para observar. Por volta de 4h30 da manhã ele me busca na porta de minha casa, conforme havíamos combinado. Estava ansioso e preocupado, pois não sabia chegar ao sítio onde iria ocorrer o festival, mas havia combinado de encontrar com um grupo de baloeiros em um posto de gasolina próximo a minha casa. Quando chegamos ao posto haviam três carros e duas motos que nos aguardavam para segui-los, e começamos o percurso. Após cerca de quase uma hora dirigindo, a rodovia cedeu lugar a estradas de barro e caminhos escondidos e afastados. Quando chegamos ao destino, um sítio alugado para a soltura, havia cerca de trinta carros estacionados, todos estavam ali para acompanhar o festival.

Os baloeiros começaram a descarregar dos carros os materiais necessários para a realização da soltura, entre esses materiais estão botijão de gás, maçarico, a antena ainda desmontada, a bucha, a bandeira e por fim o balão. Estes últimos, mesmo possuindo grandes tamanhos, são dobrados de maneira cautelosa e com o trabalho de várias pessoas, para que se torne em um objeto possível de ser carregado, lembrando que o processo de dobrar o balão é demorado e envolve muito cuidado, para que o artefato não seja danificado.

Figura 15:



Balão de 24 metros dobrado. Autora: Erika Paula dos Santos. 06/2014

Após descarregar os materiais dos carros, caminhamos cerca de dez minutos por uma trilha rodeada de árvores até chegarmos a um campo aberto. No caso da soltura de balões noturnos, que levam lanterninhas, o processo de montagem começa cerca de horas ou dias antes da soltura, pois é preciso montar com cautela a rede que carrega as lanterninhas e formará o painel. Sendo que, o tempo de demora da preparação do balão até a sua soltura varia conforme o seu tamanho, o tempo que leva para inflá-lo, e o grau de dificuldade para montar os ornamentos que ele carrega. Os mais complexos são os que levam as lanterninhas, por isso sua preparação pode demorar mais dias, e os mais simples que exige um pouco menos de cautela são os que levam as bandeiras. Por exemplo, os preparativos a soltura de um balão de 12 metros que carregada uma bandeira num dia com clima considerado bom demora um pouco mais de uma hora.

Figura 16:



Imagem de balão painel compartilhado em grupos fechados de redes sociais. Autor desconhecido, acesso em outubro de 2015.

Assim que chegamos ao campo foram divididas as tarefas. Uns remendavam e montavam a antena juntando-a a bandeira, que sempre fica dobrada, revelando a imagem apenas no momento de subida. Enquanto isso, outros desdobravam o balão e preparavam a gaiola.

Em meio a conversas e piadas é visível que esse é um momento de muita tensão para os baloeiros, a concentração no trabalho, a insegurança do sucesso da soltura, o que colabora para o surgimento de discussões passageiras entre eles. Há cobranças e acusações de quem trabalhou mais e de quem deixou a turma “na mão” por não cumprir a sua tarefa. Responsabilidade e empenho aparecem como valores importantes para os baloeiros. Membros de várias turmas se ajudam mutuamente, sendo que o preparo para a soltura não se limita apenas aos membros da turma a que pertence o balão.

Após concluídos os preparativos é hora de inflar o balão, para isso é preciso que não haja corrente de vento, os baloeiros ficam atentos principalmente ao movimento das folhas das árvores, pois se há vento, é altíssimo o risco de que um balão se dobre e venha a queimar no momento em que é inflado. O balão dobrado parece pequeno, carregado com cautela por vários homens e alguns que acompanham o seu trajeto, o artefato mais simbólico desse ritual, é levado como que por uma espécie de procissão que acompanha o “santo” quando sai do templo. Com o gramado ainda molhado da serração da madrugada, o balão é colocado sob uma lona estendida para que não rasgue.

Os baloeiros encaixam a boca no balão e começam a inflá-lo com um maçarico. Durante esse tempo prevalece a concentração e a tensão, e o silêncio predomina tornando quase que ensurdecador o som do maçarico. O balão é inflado um pouco para que seja possível encaixar a bucha. Amarra-se as linhas do cabresto que carregam a gaiola de fogos a boca e, logo em seguida, a bucha é acessa. Esse é outro momento de extrema responsabilidade, é preciso muito cuidado para que não se queime o balão.

Assim que o balão é inflado começam várias produções de vídeos e fotografias. As produções desses materiais, além de ressaltar a ação desses agentes, representam também um *estive lá*, que colaboram com a afirmação desses atores quanto baloeiros, além de contribuir a construção da memória coletiva e individual.

Até que o balão consiga ficar firme e pegar força o suficiente para subir e levar seus ornamentos, ele é controlado pelos guias, que são pessoas que seguram cordas fixas ao bico e/ou a boca do balão, e que são responsáveis pela subida do balão, essas cordas presas ao balão também são denominadas de guias. Essa é uma grande responsabilidade, pois qualquer deslize ou descuido pode queimar o artefato. A função do guia é manter o balão na vertical e prepará-lo para a soltura. Sob forte tensão e ansiedade, alguns seguram atentos as guias presas a boca e no bico, três guias no total, controlando a posição do balão, até se certificarem de que o balão suportará o peso a ser carregado.

Soltas as guias o silêncio presente desde a confecção na bancada prevalece, até ser interrompido com o estouro do primeiro rojão, quando inicia-se os aplausos, gritos, abraços e choros. Todos vibram e comemoram ao verem o trabalho finalizado. O barulho dos fogos soam como música para os baloeiros que em algumas situações contam com o orgulho “a fogueteira deu show”, “aposto que acordou a vizinhança toda”, “dava pra escutar de muito longe”.

O mesmo silêncio e expectativa ocorrem quando o balão carrega bandeira ou painel, sendo que todos deliram e vibram no momento que o balão sobe e revela o mistério do desenho.

Contudo, nesse festival que acompanhei, o balão ainda estava muito baixo no momento em que o primeiro rojão estourou. Para mim, foi um momento de muita tensão, pois os fogos começaram a ser arremessados e a estourarem no campo com várias pessoas, fui tomada pelo medo de que algum rojão me acertasse ou acertasse alguma outra pessoa. Pensei em correr, mas ao olhar ao redor, percebi que as pessoas estavam tranquilas com a situação, certamente já haviam vivenciado isso antes. Foi quando meu colega, vendo a minha cara de espanto me orientou a ficar parada, e a explosão de fogos logo cessou. O que comentavam era que o erro ocorreu certamente devido a utilização de um tipo errado de pavio. Mas essa situação não desanimou a turma, e nem tirou a admiração sobre o balão que foi solto, e o festival prosseguiu.

Era pouco mais de 8h da manhã quando um dos últimos balões começou a ser inflado, era um balão ecológico, o único de todo o festival. Esse tipo balão depende bem mais do bom tempo para que a soltura seja um sucesso, pois como não possui bucha, o balão sobe apenas com o calor interno gerado por um maçarico. Esse foi o motivo da soltura tardia do balão, pois o calor do sol conserva o seu calor interno por mais tempo. O balão possuía cores fortes, e sua parte de cima era predominantemente preto o que o mantém por mais tempo aquecido, carregava uma bandeira com o rosto de uma mulher, homenagem feita por seu marido.

Havia muitas mulheres presentes nesse dia acompanhando seus companheiros, mas poucas participavam de alguma tarefa. Nos momentos de soltura as tarefas destinadas as mulheres acabam sendo de funções menos complexas como a de acender lanterninhas, tirar fotos ou auxiliar a pegar ou segurar algum objeto. Retomando o caso de Tatiana, que mesmo soltando balão a bastante tempo tem poucas funções atribuídas na hora da soltura, ela me contou com empolgação do dia que segurou a guia do balão, falando que é um momento de muita responsabilidade e que “*morre de medo*”, no mesmo momento seu namorado brinca

falando que deu a “*guia do 10*” para Tatiana de presente de dia dos namorados, se referindo a guia do balão de dez metros que a sua turma soltou. Essa situação é um exemplo de como é demarcada a posição da mulher no momento da soltura, no qual poucas tarefas lhe são atribuídas, lhe restando apenas atividades de baixa responsabilidade.

Durante o festival foram soltos aproximadamente vinte balões, tirando o incidente com os fogos, as solturas restantes fluíram tranquilamente e todos os momentos foram carregados de emoção. Finalizadas as solturas começa-se a limpar o campo, recolher e guardar o material utilizado. Mas esse não é o fim do ritual para algumas turmas que se dedicam a captura, ao resgate dos balões. Na estrada durante a volta para casa encontramos vários baloeiros parados na faixa do acostamento ou em postos de gasolina olhando para cima com o propósito de descobrir o destino do balão. Nesse momento o conflito entre as turmas, motivado pela competição toma nova dimensão.

Nem sempre o fim de um lançamento é carregado de alegria como os observados nesse festival. Em algumas situações pode acontecer do balão estourar, tombar, não suportar o peso carregado e queimar. Os fogos, nesse caso, podem explodir com o balão ainda em terra, acabando com o espetáculo. Ou seja, todo cuidado é pouco para que não ocorram tragédias como essas e todo trabalho carregado de sonhos seja destruído.

Uma das turmas que acompanhei já chegou a perder oito balões seguidos em soltura, narraram essa situação afirmando que essa foi a pior fase da turma que onde chegavam eram apelidados como turma “*da tragédia*” ou “*Maior zica*”. Nem sempre a emoção vivenciada no campo é positiva, existindo essas situações de tristeza e frustração como na fala de um dos integrantes da turma: “*rodamos 150 km, todo mundo voltando no carro parecendo que voltava de um velório*”.³⁹

Mas em algumas situações o balão é tão bem trabalhado que apenas o simples fato de inflá-lo no campo faz que com ele seja lembrado e admirado, mesmo que a sua soltura não seja um sucesso. Por mais que seja uma situação triste para esses agentes não concluir o seu trabalho, em alguns casos o fato de ver o balão “*já valeu a pena*” “*estava bonito caprichado, cheio de detalhes*”, ou seja, valorizam o trabalho e a dedicação da turma por mais que ela não tenha conseguido soltar o artefato.

Em entrevista cedida durante a pesquisa de campo, João fala que a sensação de liberdade que sente ao soltar um balão é indescritível, que “*só quem gosta sabe*”, para descrever esse sentimento e João cita a cena do filme *Carandiru*, na qual um presidiário solta

³⁹ Fala de Jorge gravada em entrevista de campo em 19/06/2015.

um balão de dentro da cadeia, representando assim a liberdade que deseja e que o balão simboliza.

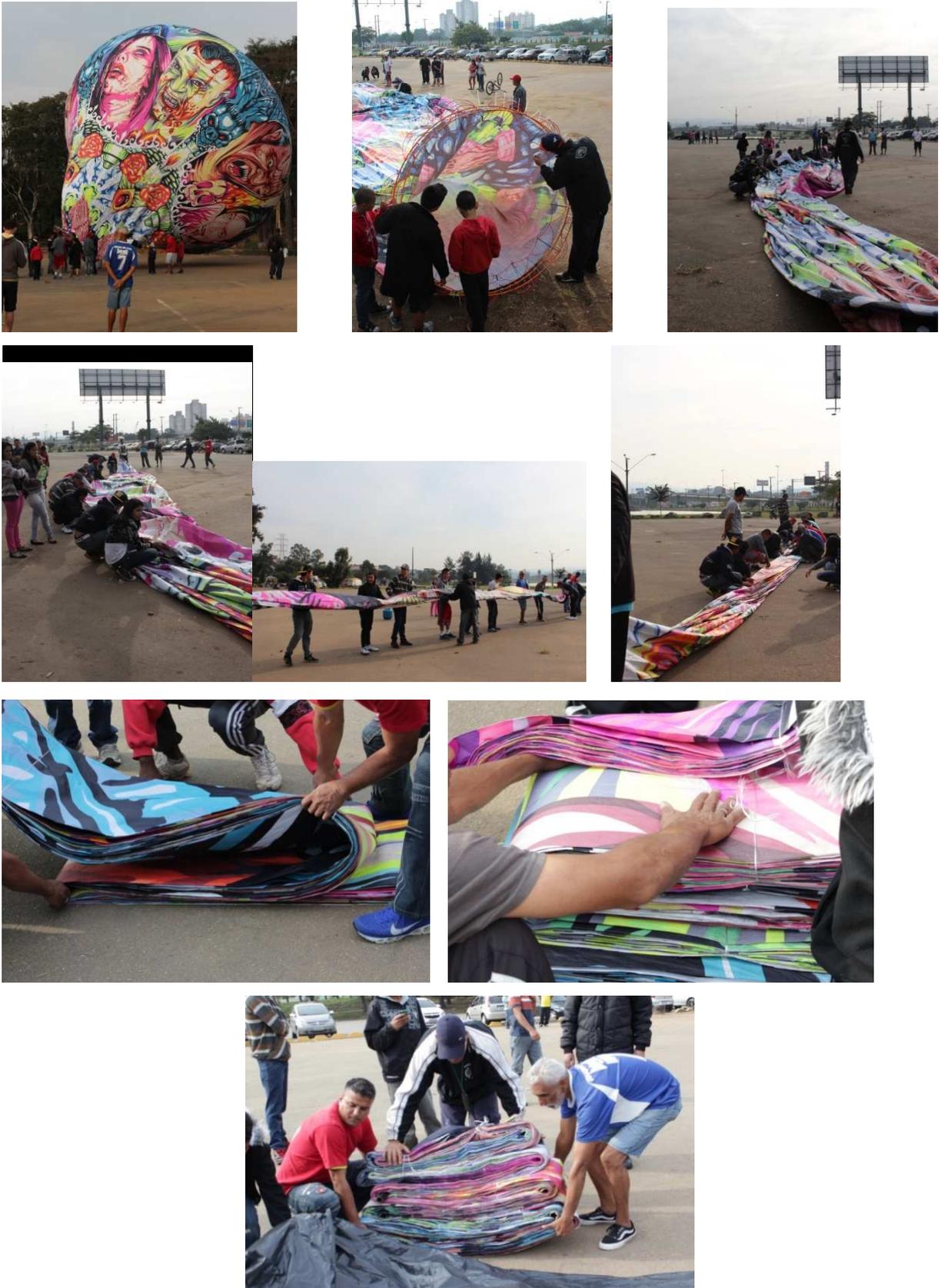
Diferente desses festivais realizados com os balões soltos com fogos, os festivais de balões ecológicos possuem ampla divulgação, principalmente na internet, em páginas no *facebook* ou em sites utilizados em defesa dessa prática, às vezes até viram notícias jornalísticas aparecendo como algo bonito e trabalhoso nos telejornais. Assim, enquanto os festivais de balões com fogo são mantidos em sigilo e reservados a poucas pessoas, os de balões ecológicos se transformam em grandes eventos com a participação de milhares de pessoas e cobertura da mídia.

Existem também exposições, na qual os balões ficam apenas inflados e não são soltos, há várias ressalvas quanto a essas propostas, que além de não ter a soltura é um processo trabalhoso para turma que precisa desdobrar, encaixar a boca, expor, e dobrar novamente o balão para guardá-lo, sendo que esse processo pode danificar a estrutura do balão.

Recentemente os festivais de balões ecológicos se transformaram em exposição, o que desanima e deixa muito baloeiro frustrado, pois eles querem ver o balão subir. Como pude perceber num festival organizado em abril de 2015 na cidade de Rio Grande da Serra onde o balão ecológico é legalizado, e o festival havia sido organizado com o propósito de soltar os balões. Baloeiros de várias cidades passaram a noite preparando seus balões, horas antes de iniciar a soltura um grupo de policiais chegou ao local comunicando os organizadores do evento que a soltura estava proibida. Após algumas discussões e tentativas de acordo, sem sucesso, o que sobrou foi tristeza e revolta e entre os baloeiros, sendo que alguns no momento de fúria comentavam “*se não deixarem soltarmos sem fogo, soltaremos com fogo*”, e por fim os baloeiros carregados de revolta tiveram que se contentar apenas em expor os seus balões.

Percebo que os valores mais mobilizados no momento da soltura envolvem o comprometimento, a responsabilidade e realização. Pois nessa ação conjunta todos estão numa relação de interdependência e a falta de comprometimento não prejudica apenas uma pessoa, mas todo o coletivo.

Figura 17:



Autora: Erika Paula dos Santos, 06/2014.

3.2 Os baloeiros e seus conflitos

O mundo do balão é dotado de valores e lógicas próprias constituídas juntamente com o surgimento e aumento das turmas que constroem suas próprias regras, transformando-se na base para a interação desses sujeitos, onde além de afirmarem a identidade do grupo surgem amizades e conflitos.

Georg Simmel (2011) considera o conflito como uma forma de *sociação*. Segundo o autor, se consideramos que todas as interações entre os homens é uma *sociação*, o conflito seria uma de suas formas mais vivas, já que não pode ser exercida por um indivíduo sozinho. Sendo o conflito, uma maneira de resolver dualismos divergentes, uma forma de conseguir algum tipo de unidade e também um momento que sinaliza a tomada de consciência individual, pois o indivíduo não atinge a sua personalidade numa harmonização exaustiva, mas sim, ao contrário, sendo que a contradição e o conflito parecem como operativos a cada momento de sua existência (SIMMEL, 2011:570). Assim, o conflito seria algo benéfico para a sociedade, pois demonstra uma função positiva à medida em que é superado mediante acordos e colabora com a tomada de consciência individual.

Com bases nessa consideração de Simmel (2011), que considera o conflito como algo presente nas relações, percebemos que os baloeiros não estabelecem apenas relações conflituosas com a legislação, com a mídia e a sociedade, mas também dentro do seu próprio grupo. Pensar no conflito entre esses agentes é pensá-lo dentro de uma lógica de disputas por reconhecimento e *status* dentro desse universo, sendo o conflito algo inerente a dinâmica desses grupos.

Por mais que a maioria dos baloeiros negue, observamos que a rivalidade entre esses agentes é motivada pelo desejo que todos tem de fazer o balão mais bonito, aquele que “*dá um show*” e que será comentado e lembrado durante muito tempo. Outro motivo para conflitos é a falta de comprometimento de alguns agentes, como descrita anteriormente no momento da soltura, no qual o conflito é estimulado pela ansiedade e nervosismo através da cobrança para que o trabalho dê certo.

Na soltura a ansiedade também é a florada porque é um momento em que os baloeiros estão mais expostos, o que aumenta ainda mais os riscos de encararem a perseguição da polícia. É nessa situação que acontece o maior número de prisões. Na maioria das vezes a polícia chega até o local da soltura através de denúncias. Vários são os casos de pessoas que foram presas nesse momento, sendo que a situação é mais complicada para os que são pegos

manuseando o balão. Alguns comentam que sentem revolta por ser serem presos e se preocupam com toda a burocracia que se desenrolará após essa situação, mas o que causa grande tristeza e angustia é ver o material apreendido, antes mesmo de ver o balão cheio e o seu trabalho concluído.

Em algumas situações de flagrantes, os espectadores conseguem não ser abordados ou acusados, em outras não. Como aconteceu em junho de 2015 na cidade de Morungaba, no momento da soltura de balão de uma turma da zona norte, cerca de trinta e cinco pessoas foram multadas no valor de R\$ 5 mil para cada integrante, e a turma teve seu balão de 50m apreendido. A polícia providenciou um ônibus para levar as pessoas para a delegacia, e após prestarem depoimento foram liberadas, segundo a polícia os envolvidos disseram que participavam de uma festa e que não sabiam do balão. Essa operação aconteceu através de uma denúncia anônima, segundo o comandante quando a polícia chegou no local havia cerca de 100 pessoas e um pouco mais da metade conseguiu fugir⁴⁰.

O medo de sofrer uma prisão ou multa juntamente com a expectativa de que o trabalho de meses ou anos não dê certo cria um cenário propício para muita tensão, que aos poucos vai dando lugar a emoção que sentem ao verem o balão subir.

Algumas declarações coletadas no trabalho de campo relatam desentendimentos justificados pela postura de alguns baloeiros, que deixam os interesses individuais sobressaírem aos interesses coletivos. Várias situações de conflito começam desde a bancada com a divisão das tarefas, principalmente motivada pela acusação de que existem membros na turma que só querem vestir a camiseta e não participam e não colaboram com o trabalho ou com dinheiro. Em algumas situações esses conflitos aparecem em forma de brincadeiras, uma forma menos agressiva de provocar e cobrar uma atitude, como cintado anteriormente, mas em outras ocorrem de maneira mais intensa, a ponto de acreditarem que quando ocorrem denúncias das bancadas elas são feitas pelos membros da própria turma ou por pessoas conhecidas. Esses conflitos perpassam todos os momentos da dinâmica possibilitada pelo balão, ocorrendo até no momento do resgate, como veremos no capítulo seguinte.

Certa vez, Rodrigo me contou que sua turma, uma das mais antigas de São Paulo, passou mais de um ano produzindo um balão. Os conflitos que surgiram durante esse período chegou ao seu ápice quando, finalizada a confecção do artefato, alguns membros da turma decidiram soltá-lo sem informar ao restante. Isso gerou um forte desentendimento que fez

⁴⁰ Disponível em <http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/06/policia-apreende-megabalao-e-multa-grupo-de-35-pessoas-em-morungaba.html>. Acesso 09/09/2015.

com que houvesse uma divisão dentro da própria turma. Depois de algum tempo e de muita conversa, alguns dos membros que foram excluídos da soltura conseguiram superar esses atritos, mas outros nunca superaram e sempre recuperaram essa situação tornando visível a relação conflituosa dessa turma.

Outra situação que ocasiona conflito são as competições que ocorrem em concursos de balões. Anualmente, no mês de março, acontece uma premiação dos melhores balões soltos no ano anterior, sendo premiadas várias categorias: melhor painel, melhor bandeira, melhor resgate, melhor pião, etc. Para concorrer a essa premiação intitulada de “*Boca de Ouro*” os balões precisam estar inscritos e dentro de certas regularidades preestabelecidas. A exigência é que os membros da comissão avaliadora não pertençam a nenhuma turma, que tenham uma longa história no mundo do balão e experiência que garanta seu domínio e conhecimento da técnica. Contudo, há situações em que algumas turmas se sentem injustiçadas na avaliação. Nesse caso o desfecho pode chegar até mesmo na agressão física. Por esse e outros motivos que muitos baloeiros afirmam posição contrária a essa premiação, por acharem que ela só estimula ainda mais a competição, o egoísmo e a denúncia, como demonstrado abaixo na entrevista coletada em campo⁴¹.

João: *Boca de Ouro é tipo assim, eu quero falar que eu sou melhor que você, mas se a gente é amigo, pra quê eu vou fazer isso?*

Eu: *Mas essa competição (boca de ouro), você não acha que estimula a fazer balões mais bonitos?*

Jorge: *Estimula também a denúncia, por isso que a melhor coisa que tem é vc se dá bem com todo mundo (...) Existe a inveja, por isso que quando você vai soltar o balão só leva meia dúzia de gente, porque se cai na boca de Zé Povinho⁴² ele vai caguetar⁴³ você, e pra sair da cadeia é cinco, seis mil.*

É o medo de denúncias, e até mesmo o medo de atitudes negativas motivadas por inveja que possam prejudicar o desempenho de suas turmas, que os baloeiros procuram maneiras de solucionar ou evitar os possíveis conflitos que surgem entre eles. Em algumas situações as soluções encontradas por esses agentes acabam intensificando ainda mais o conflito, pois como no exemplo citado a cima, quando se solta balão comunicando apenas um

⁴¹ Os nomes utilizados são fictícios.

⁴² Na gíria do meio significa pessoa curiosa que gosta de fofocar.

⁴³ Fazer denúncia.

número restrito de pessoas, isso simboliza falta de companheirismo e confiança entre esses agentes, pois restringir é não colaborar com o acesso ao “espetáculo”. Assim o que é visto por uns como uma forma de evitar conflitos, para outros só gera inimizades.

A dinâmica desses grupos é baseada na tentativa de solucionar conflitos a todo o momento. Começando desde os que surgem na bancada perpassando pela soltura e o resgate, até chegar no conflito com a legislação e da luta pela desconstrução da visão negativa que a sociedade tem sobre eles, que consideram estimulada pela mídia. É nessa procura pela solução desses conflitos que esses indivíduos constroem a sua identidade de grupo, que se reconhecem como baloeiros, pois conseguem em alguns momentos, como no da soltura, se desligarem desses conflitos e se distanciarem de suas estruturas sociais através da emoção gerada pela simbologia entorno do balão, como que no estado de liminaridade como proposto por Turner (1974) para analisar os rituais.

Mariza Peirano (2003) em seu trabalho “Rituais ontem e Hoje” classifica os rituais como bons transmissores de valores e conhecimento, e também próprios para solucionarem conflitos e reproduzir as relações sociais. Seguindo essa consideração observamos que no processo ritual do balão os valores, as regras estabelecidas nesse mundo, a organização de eventos, a formação de amizades duradoras, a existência de conflitos e a tentativa de solucioná-los que permite a conexão dessas pessoas. Ou seja, é o compartilhamento de ideias, o amor pela prática do balão e os conflitos que potencializam a dimensão do reconhecimento desses atores como baloeiros.

3.3 Baloeiro e o estado liminar

Como citado anteriormente o momento da soltura pode ser identificado, nesse ritual de prática do balão, como um momento liminar. Segundo Vitor Turner (1974) a fase liminar do ritual é a fase intermediária entre o distanciamento e a reaproximação, na qual o indivíduo é desvinculado da estrutura social e depois retorna com um novo *status*.

Nesse momento da soltura, os baloeiros escapam de suas posições culturais e de seus papéis sociais que costumam assumir no fluxo cotidiano. No campo não importa quem é o professor, o DJ, o piloto de avião, o bancário. Nesse estado liminar o indivíduo se encontra em transição o que o desprende de seu *status* social, possibilitando um sentido de grupo muito forte, onde o que prevalece é a igualdade entre os envolvidos no ritual. Todos naquele espaço

e tempo se reconhecem e estão ligados a uma atmosfera simbólica que ressignifica e transforma suas posições dentro da estrutura social.

Durante o período de distanciamento da estrutura social até ser reinserido as características dos indivíduos transitam em situações ambíguas como, por exemplo, a mistura entre sagrado e profano. No momento liminar do campo a ambiguidade ocorre na mistura da ordem e da desordem, ou seja, é um momento em que as características dos indivíduos transitam entre a concretização de um sonho, a criação de uma arte, e a prática de um crime, de algo que põe em risco a vida das pessoas.

Após a soltura os indivíduos são reinseridos em sua estrutura social, mas com um novo *status*, e essa nova classificação depende do sucesso da soltura. Para quem é novo na prática esse é o momento de alcançar o seu *status* de baloeiro, para os que já participam desse ritual, podem sair como um “baloeiro de respeito”, como “os caras que fizeram o maior balão”, “os que fizeram um balão que deu show”, ou até mesmo como “os azarados”.

Essa mudança de *status* possibilitada por esse ritual mostra-se visível na situação narrada por José, que comenta, que juntamente com o seu amigo Tiago, eram recriminados nos lugares que iam pelo fato de nunca terem soltado um balão grande ou de destaque, sendo vistos apenas como *os caras que fazem balão pequeno*. Após se esforçarem e produzirem um dos balões mais comentadas da história essa situação mudou, transformando-os nos “*caras do 72*”⁴⁴, alcançaram um novo *status* e “os cara hoje vem atrás da gente pra tirar foto”.

Grasielle Aires da Costa (2013) ao analisar como Richard Schechner (2012) define o que é ritual, aponta que este autor relaciona esse processo com a manutenção da memória coletiva e individual dos membros de um grupo. Durante todo o processo ritualístico do balão, e principalmente no momento de liminaridade, é possível observar a relação estabelecida entre memória e ritual, pois há nesse processo uma reelaboração simbólica do espaço e do tempo, que são relativizados para os que participam daquele momento, construído entre os seus participantes e que depois ficará na memória coletiva como um momento que só pode ser compartilhado e compreendido por quem o presenciou.

A ação dos baloeiros, muitas vezes definida pelos interlocutores como uma “forma de vida”, “uma paixão” demonstrou como alguns eventos possuem um aspecto ritual capaz de evidenciar a relevância que esse artefato possui na dimensão da vida cotidiana desses agentes. Momentos como a produção na bancada, a soltura e o resgate, como veremos adiante, podem ser vistos a partir de uma perspectiva antropológica como situações de afastamento e de

⁴⁴ Referência ao tamanho do balão solto.

transformação dos sujeitos nas estruturas sociais, situação em quem se suspendem os fluxos cotidianos, mas que não se configuram como partes separadas da vida dos atores. A análise desses momentos demonstra uma importante dimensão da vida desses atores, que possibilita a percepção de aspectos que orienta a sua organização enquanto grupo de baloeiros.

Capítulo IV - O Resgate

Dentre todos os momentos que envolvem o processo do balão; fazer, soltar e resgatar, o mais polêmico é o resgate. Esse consiste na captura do balão, e levanta fortes debates até entre os próprios baloeiros. Para alguns o processo ritualístico desse mundo termina na soltura, para outros esse processo só é finalizado após o resgate, e ainda há casos em que o resgate é o início do processo. Assim como nas outras etapas, a captura do balão também envolve habilidade e técnica, sendo que o conflito, a competição e a disputa assumem novas dimensões.

Esse momento desperta o lado “sombrio” do mundo do balão. As pessoas não se reúnem mais para planejar, tentar concretizar um sonho, compartilhar alegrias, mas sim para ir para o “combate”, para a luta que procura alcançar o objetivo de ganhar ou recuperar um balão.

Nos outros momentos, ao falarem do balão, os baloeiros o definem como amizade, sonho, solidariedade, união e responsabilidade. Retratam relações de sociabilidade que envolve atenção e comprometimento mútuo. Porém, o momento do resgate faz com essa situação se altere, e o que eles ressaltam é a disputa, a lei de *que vença o mais forte*, como veremos adiante.

4.1 Arrebentando a boca do balão

Para alguns integrantes das turmas o processo termina na soltura, e estes seguem para suas casas para “*tomar café com a família*”, para outros membros uma nova emoção se inicia, e esses saem à captura do balão. Atualmente existem centenas de turmas que realizam apenas o resgate, dificilmente essas turmas produzem o próprio balão, sendo o resgate resumido, na maioria dos casos, na captura de balões feitos por outras turmas.

A prática do resgate é justificada por esses baloeiros por meio de vários argumentos. Um dos principais é que esse é um momento de pura adrenalina e emoção, sendo que, saber recuperar o balão, assim como para confeccionar e soltar, também é preciso dominar certas técnicas. Nesse momento os baloeiros se transformam, como alguns falam, em verdadeiros “*caçadores*”, que precisam conhecer suas presas, os lugares mais propícios a seu aparecimento e conseguir dominá-la.

Outro argumento utilizado é a recuperação de material, que é importante devido ao alto custo de produção de um balão. Um balão de 20 metros, por exemplo, pode custar até

R\$16.000. Se o balão for bem confeccionado e não sofrer muitos prejuízos durante a queda ou resgate, ele pode ser lançado novamente várias vezes. O resgate bem realizado possibilita uma nova soltura, um outro espetáculo. Para isso basta fazer alguns remendos necessários, ou recuperar partes que podem ser utilizadas em outros balões como a bandeira e a boca.

Alguns baloeiros defendem o resgate alegando que ele é também uma maneira de evitar o risco de tragédias e incêndios que possam acontecer eventualmente. Segundo “os caçadores” a captura do balão evita acidentes, pois no resgate tem alguém para apagar e dominar o balão caso ele caia numa casa por exemplo, e explicam que “*pode queimar o balão, mas a casa não será queimada caso tenha um baloeiro para pegar o balão*”⁴⁵. Assim, o resgate é colocado por alguns baloeiros como uma maneira possível de evitar incêndios.

Em maio de 2007 um incêndio provocado por um balão destruiu 1.200 metros do telhado do Centro Cultural São Paulo (CCSP). Baloeiros se defenderam alegando que a culpa não deve ser de quem soltou, mas sim dos seguranças que não permitiram que um baloeiro entrasse no local para resgatar o balão. Segundo eles o balão nunca vai acabar e que esses artefatos precisam ser pegos por baloeiros, pois esses são os únicos que sabem pegar com segurança, ou seja, são os que dominam as técnicas que podem evitar tragédias⁴⁶. Eles sugerem o reconhecimento do domínio de suas técnicas de resgate como a melhor maneira para se evitar tragédias, e assim também recuperam esse argumento com uma justificativa para essa prática.

A expressão “*arrebentar a boca do balão*” tipicamente carioca, e que dá título a essa seção do texto, significa “arrasar”, “fazer algo extraordinário”, e assim como a maioria das expressões populares tem origem em algum acontecimento. Segundos dados obtidos em pesquisa na internet⁴⁷ e em conversas com alguns de meus interlocutores, essa expressão teve sua origem no Rio de Janeiro, e está totalmente associada com a prática de resgate dos baloeiros. No momento de captura, a primeira providência a ser tomada quando o balão cai é arrebentar a sua boca e tirar a bucha para evitar que o balão queime. Isto faz com que o resgate seja bem sucedido, pois deixar o balão queimar no momento do resgate é algo imperdoável. Esse processo envolve domínios de técnicas e conhecimentos da maneira correta de se retirar a bucha, para que a ação efetiva e resulte em algo *formidável*.

Algumas turmas desenvolvem uma forte relação com a região em que estão inseridas e fazem questão de destacar, as vezes até mesmo no próprio nome da turma, a que zona ou

⁴⁵ Fala de João em conversa informal.

⁴⁶ <http://gazetadobalao.com.br/pegar-balao-e-crime/>

⁴⁷ <http://bau-das-curiosidades.blogspot.com.br/2013/09/bau-das-curiosidades-v.html>

bairro fazem parte. Na hora do resgate os bairros ou zonas não são vistos como fronteiras, já que o balão vai pertencer a quem chegar primeiro ou ganhá-lo no sorteio (como explicarei mais adiante) independente do local de sua queda.

Assim como na soltura, os caçadores passam a madrugada à espera de balão. Normalmente essas pessoas trocam informações sobre a localização desse artefato através de aplicativos de troca de mensagens instantâneas por telefone celular, o *whatsapp*, e saem, na maioria das vezes de moto em sua captura.

Alguns observam da rua, de lajes, ou marcam encontros com outros *resgateiros*, como também são chamados entre eles, em lugares como postos de gasolinas próximos a regiões que se costuma soltar balão. Chegam de madrugada nesses lugares e começam a olhar atentamente para o céu até que o balão aponte e consigam captar a sua direção. E assim começa a caçada.

Em motos ou carros e em alta velocidade os baloeiros dividem a atenção entre o volante e o céu. Normalmente quem vai de carro vai com um acompanhante que o auxilia, mas a preferência para o resgate é a moto, pois os caçadores conseguem se locomover mais rápido e entrar em certos lugares com mais facilidade.

O registro de vídeos no momento do resgate é algo recorrente entre os baloeiros, que implica principalmente em filmar os próprios atos, as manobras e a alta velocidade que praticam principalmente em motos, a alegria e o orgulho quando chegam sozinhos até o balão, e servem também como uma crítica aos colegas que eles filmam danificando o balão no momento da captura. Eles compartilham esses vídeos em redes sociais e alguns até são editados e vendidos em mídia DVD. Essa situação demonstra a consideração dessa prática com uma conquista, na qual a adrenalina, o perigo e a coragem aparecem como aspectos e valores para que obtenham status de habilidoso, corajoso, do “*cara que chaga em todos*” ou “*da turma que pega muito balão*”. Mas para isso é preciso considerar o princípio de não danificar o artefato, se isso ocorrer o conflito e as agressões são explícitos.

O compartilhamento de vídeos dos momentos de grande adrenalina no resgate representa a valorização do risco entre esses atores. A subida em lugares altos, altas velocidades, manobras de risco possibilita a vivência de maiores perigos, a visibilidade e também causa admiração entre os baloeiros. Alexandre Pereira (2013) ao estudar os pichadores classifica a concepção de riscos a partir de dois fatores, o da adrenalina e o da postura que esses agentes assumiam diante do risco de morrerem ou de serem presos. Nesse sentido, os mesmos fatores podem ser utilizados para analisarmos os baloeiros, na qual o risco

associa-se a ideia de experimentação e desafio, diante de situações perigosas dos riscos de suas práticas, seja numa direção perigosa, no manuseio cauteloso dos fogos, no risco de serem agredidos ou assassinados ao entrarem numa propriedade privada, ou ainda de serem presos, momentos esses de experimentação da adrenalina. Essas situações de riscos são intensificadas durante o resgate, no qual é tido como um momento de “adrenalina inexplicável”.

Poucos são os casos em que um baloeiro chega sozinho no balão, na maioria das vezes a multidão chega quase que simultaneamente. E assim como no momento da soltura, o barulho também é retomado, gritos, agitação e muita adrenalina marcam a chegada dos baloeiros, e todos correndo rumo ao mesmo alvo, a boca do balão, o primeiro a chegar e tocar nela garante o artefato, caso contrário os caçadores só largam a boca depois de garantida a sua participação no sorteio para decidir quem o leva.

O sorteio pode ocorrer de várias maneiras. A mais frequente é através da contagem de números, as primeiras pessoas a chegar entrelaçam os braços ou seguram as mãos em volta da boca, um deles escolhe um número alto e outra pessoa fica no centro da boca ou entre eles e conta, ganha o balão aquele que cair na posição do número escolhido. Outra maneira utilizada é através do típico sorteio do palito, quem pegar o menor pedaço leva. Mas o sorteio através da contagem é o mais utilizado por ser mais rápido e evita que chegue mais gente que queira participar. Pode acontecer de muitos membros da mesma turma estarem no resgate e todos quererem participar do sorteio, há um certo limite de pessoas por turma que podem participar, e isso depende do número de pessoas que estiverem no local. É comum numa situação dessas, muitos inventarem nome de turma só para ter a chance de participar, por isso alguns baloeiros não participam de resgate com camisas de suas turmas para não serem identificados.

Quando o balão cai em campos ou regiões mais afastadas da cidade o resgate é facilitado, tanto para a chegada dos baloeiros até ele, quanto para captura e conservação do próprio balão. Existe maior dificuldade de capturar o balão quando ele cai em mata fechada, para tirar das árvores e carregar sem rasgá-lo, mas como eles mesmos falam “*não há altura que não subam, nem lugares em que não chegam*”. E essa fala é levada muito a sério, pois os baloeiros realizam resgate até no mar.

Essa prática é mais frequente no Rio de Janeiro, e envolve uma técnica trabalhosa que consiste em alocar varas de bambu ao redor de um barco. Essas varas serão utilizadas como uma espécie de “armadilha”, que é chamada de paliçada, e serve para evitar que o balão caia na água. Nessa forma de resgate se destaca a vontade, a organização e, sobretudo a coragem. A equipe é composta por um barqueiro, responsável pela direção do barco, e mais três ou quatro

tripulantes capazes de cumprir tarefas como a preparação do barco, com exceção do piloto todos os outros participantes devem ser baloeiros e saber nadar muito bem⁴⁸. Essa ação chamou atenção de alguns veículos de comunicação que destacam que o balão pode trazer risco a segurança de navegação, e que os infratores podem ter a documentação do barco cassada, além de ser multados em até R\$3 mil.

Um dos colunistas da página Planeta Balão chama atenção para a rivalidade existente no resgate e ressalta que após um início tumultuado o que tem que prevalecer é a razão e o entendimento, o possibilita capturar o artefato cobiçado sem briga. E coloca que assim como o baloeiro venceu o resgate no mar, é preciso vencer as diferenças e usar o bom senso, como ressalta no seguinte comentário *“As regras estão latentes na mente de cada um, basta colocá-las em uso em todo lugar ou qualquer situação, na terra, como na água”*⁴⁹.

Figura 18:



⁴⁸ <http://www.planetabalao.com/colunistas/humberto/materia18/materia18.htm>
⁴⁹ <http://www.planetabalao.com/colunistas/humberto/materia18/materia18.htm>



Resgate de balão no mar. Imagens do filme "Les Ballons Pirates de Rio". Direção: Etienne Chambolle. França, 2004.

A situação mais polêmica do balão é quando ele cai em espaços urbanos. A situação de euforia, adrenalina e rápida formação de uma multidão assustam as pessoas que estão presentes no momento da queda de um balão nas ruas. Essa situação também assusta pela atitude dos “caçadores” que dirigem perigosamente, atrapalhando o trânsito, gerando tumulto e até acidentes com cabos de alta tensão.

Luiz Henrique de Toledo (2008) ao fazer um recorte empírico da multidão a partir da ação das torcidas organizadas destaca que é possível visualizar condutas e práticas sociais em uma cidade marcada intensamente pelas múltiplas e diversas formas de comportamento, de grupos, gostos e modos de vida, cidade esta que também expressa de maneira reiterada os conflitos sociais e as reivindicações políticas.

Assim como a multidão que surge com as torcidas organizadas, a multidão que se forma no momento do resgate apresenta um fenômeno fortemente marcado pela competição, impregnado de emoção e adrenalina, o que acaba gerando uma situação de desordem, confusões nas ruas, e podem explicitar regras e padrões de comportamento pouco conhecidos por quem não pertence ao mundo do balão, o que colabora também com o surgimento de debates públicos, além de despertar interesses políticos.

Considerando a grande quantidade de baloeiros existentes no Estado de São Paulo, alguns políticos acabam abraçando os interesses desses agentes, como no caso do balão sem

fogo, e utilizam isso como uma forma de ascensão política. Pois como Jorge comentou em uma de minhas entrevistas de campo “*baloeiro tem força para eleger vereador e deputado*”, o que acaba interessando alguns políticos, que enxergam esses agentes como prováveis eleitores, ao mesmo tempo em que os baloeiros veem nessa situação uma saída para a descriminalização de sua arte.

Retomando a discussão sobre o momento do resgate em espaços urbanos, nesse instante os baloeiros tornam-se visíveis, não estão mais num campo afastado, ou num sítio. Eles não disfarçam, não contêm a emoção e a adrenalina, eles estão cara a cara com o resto da sociedade que os classifica como criminosos, com a mídia e com polícia, o que faz com que nessa situação se tornem mais vulneráveis à prisão e a uma abordagem midiática negativa de suas ações. Além do crime de transportar balão, nesse momento, eles acabam cometendo outros crimes como a infração de leis de trânsito, e, o mais frequente, a invasão de propriedade particular.

São frequentes os casos de prisões que ocorrem nesse momento, como em novembro de 2015, quando um grupo de sete baloeiros foi preso em Jacareí tentando resgatar um balão solto na zona norte de São Paulo e que caiu num sítio⁵⁰. Segundo a polícia “*o grupo invadiu uma propriedade privada e agrediu um cachorro*”. Em agosto do mesmo ano um baloeiro foi preso tentando resgatar um balão que caiu dentro de uma concessionária também na zona norte de São Paulo⁵¹.

Uma série de reportagens transmitidas em 2007 na emissora Record exibiu ações como brigas, invasão de propriedade, o medo e a preocupação das pessoas que não são baloeiros que presenciaram um resgate. A reportagem demonstra que recuperar balões envolve um trabalho de equipe bem organizado e planejado, e ressalta que quando não há respeito a muros, portões e telhados, quem entra em cena não pode ser chamado de “baloeiro”, mas sim de “baderneiro”. A reportagem ainda retratou uma situação em que uma disputa de resgate não foi inibida com a ação da polícia, na qual os baloeiros, mesmo abordados por policiais com armas em punho pegaram as partes do balão e fugiram do local num momento de distração dos policiais.

⁵⁰ <http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/11/policia-prende-baloeiros-em-flagrante-em-jacarei-sp.html>

⁵¹ <https://www.youtube.com/watch?v=9c74r4FRLzk>

Figura 19:



Resgate de balão no bairro Vila Buarque próximo a favela do moinho⁵².

Figura 20:



Resgate de balão no centro de Guarulhos⁵³.

⁵² <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1188281-balao-sobrevoa-cidade-e-cai-na-regiao-central-de-sao-paulo.shtml>

⁵³ <http://www.guarulhosweb.com.br/noticia.php?nr=58374>

Situações como essa reafirmam não apenas o conflito travado com a legislação, mas também o conflito dentro do mundo do balão, pois os baloeiros que não praticam o resgate repreendem essas ações por considerarem que elas prejudicam e muito a imagem da prática para a sociedade, mas os conflitos não acabam aqui.

O que também incomoda seriamente os baloeiros, principalmente os que não praticam o resgate, são as brigas no momento da captura, há situações em que baloeiros utilizam armas de fogo para intimidar o “adversário” e conseguir o balão a qualquer custo. Uma maneira violenta e agressiva criticada fortemente nesse mundo.

Certa vez participamos de um resgate que um baloeiro, nem sei se posso chamar de baloeiro uma pessoa dessa, queria ficar com o balão porque estava com uma arma metendo o loco⁵⁴, criou-se uma confusão por conta disso, e num momento de distração alguém tacou fogo no balão, e pronto ninguém ficou com o balão⁵⁵.

Muitos são os relatos de tragédias que ocorreram em resgates, como o narrado por Gilberto que presenciou a morte de um amigo que ao tentar resgatar um balão subiu numa torre de energia da antiga Companhia Light e morreu eletrocutado. Gilberto também possui cicatrizes de queimaduras nos braços, sequelas de um resgate mal sucedido, pois como narrou, na confiança de resgatar um balão ele entrou num lugar estreito e ao tentar segurar o artefato sua bucha não apagou e queimou o seu braço.

Roberto, um dos baloeiros pioneiros de São Paulo, traz uma cicatriz na orelha, consequência de um tiro que recebeu de um segurança ao tentar resgatar um balão dentro de uma empresa. Roberto conta que no momento que recebeu o tiro caiu e o segurança queria matá-lo, mas havia cerca de 400⁵⁶ baloeiros do lado de fora que começaram a pressionar o portão, o segurança entrou para uma sala ligou para a polícia e enquanto isso os baloeiros carregaram Roberto do local.

Escutei muitas histórias ao longo da pesquisa de campo, como a de Antônio que certa vez estava no resgate de um balão com os dois filhos pequenos no carro. Ao subir um morro em alta velocidade não percebeu que abaixo desse morro havia uma represa, que segundo ele, tinha 70 metros de profundidade, seu carro caiu nessa represa e com a ajuda de algumas

⁵⁴ Gíria utilizada para se referir a quem faz ou fala algo desconexo com a situação, algo impensado que possa prejudicar alguém.

⁵⁵ Fala de Robson em conversa informal.

⁵⁶ Não sei ao certo se esse número foi utilizado como uma força de expressão ou se foi o número de presentes, mesmo que aproximado.

peçoas Antônio conseguiu retirar os seus filhos do carro. Esse episódio dramático, segundo o baloeiro, contribuiu também para o fim de seu casamento.

Há um código de ética entre os baloeiros com relação ao balão que mesmo depois de resgatado sempre ficará relacionado com o nome da primeira turma que o soltou, por exemplo, um balão com o modelo de pião de 27 metros soltos pela turma da Emenda, por mais que seja resgatado e lançado várias vezes por turmas diferentes, sempre será identificado como o “Pião de 27 da Emenda”.

Figura 21:



Pião 24 metros. **Autora: Erika Paula dos Santos. 29/06/2014.**

O “Pião” de 24 metros da foto acima já foi solto duas vezes, e recentemente a turma que está com a posse dele o transformou num balão ecológico, mas quando perguntei sobre o balão ele falaram que era o “Pião de 24 metros da turma Do Ar⁵⁷”.

Como já assinalei anteriormente, a ação do resgate levanta questões consideradas polêmicas no mundo do balão. Algumas críticas surgem por parte dos baloeiros não compreenderem o que leva um baloeiro a não gostar do todo o processo que esse artefato envolve, além, principalmente de toda a “falta de consciência” que existe neste momento de forte adrenalina e que em alguns casos se transformam em tumulto e vandalismo. É nesse

⁵⁷ Nome fictício da turma.

momento de euforia, que segundo os baloeiros, entram em cena os chamados “índios” do balão, que são essas pessoas que no resgate acabam destruindo o balão, pulam sem cuidado e sem preocupação nas casas, acabam quebrando telhados ou brigando. Esse termo é empregado de uma maneira pejorativa, associado ao velho senso comum do indígena como um ser selvagem e com as atitudes de “barbárie” de alguns baloeiros. Em alguns momentos acompanhei alguns questionamentos em redes sociais sobre a utilização desse termo, mas o questionamento não vai adiante e sua utilização ainda é intensa.

O que se observa é que há uma organização na soltura e no resgate do balão que envolve símbolos, valores e ética e ao fugirem das regras e dessa moral, os baloeiros consideram que esses “índios” do balão contribuem para a degradação dessa prática, como demonstrado na fala de Douglas:

Na consciência de quem faz o resgate tem que prevalecer a razão, só que é muito difícil por causa da emoção. Você está numa adrenalina 100%. Então as vezes as pessoas não partem com a razão, elas partem com a emoção (...).

Segundo alguns relatos existem algumas técnicas que aumentam a possibilidade de um resgate ser perfeito. Se o balão subir de um lugar considerado bom, ou seja, um lugar afastado das regiões urbanas, isso contribui para que balão caia em espaços descampados ou até mesmo pode ser perdido de vista, o que dificilmente acontece quando o balão sobe de regiões urbanas, pois é mais provável que ele caia em casas e prédios.

Além dessas estratégias de lugares mais adequados, a maneira como o próprio balão é produzido também pode evitar grandes acidentes. Segundo os baloeiros, hoje existem técnicas que vão desde a qualidade do papel utilizado na confecção do balão até a qualidade da parafina, ou a técnica de fazer bucha com papel higiênico citada anteriormente, que evitam que os balões caiam acessos, mas essas técnicas só são aprendidas na prática e na troca de experiência com os colegas.

Outra iniciativa é o fato de membros de turmas possuírem telhas estocadas no quintal de casa para consertar caso algum telhado danificado durante um resgate, ou a proposta de arrecadar um fundo para cobrir danos eventuais. Há também alguns casos de balões que são soltos com rastreadores o que facilita na hora da turma fazer o resgate, pois seguindo o balão com maior facilidade a turmas podem se organizar para fazer o resgate e evitar que ele cause acidentes.

É com base nessas alegações de conhecimentos adquiridos na prática que os baloeiros criticam as pessoas que soltam “balõezinhos” produzidos sem técnica, “em fundo de quintal”, pois esses balões chamados de *Maria Preta* ou *Carniça* aumentam a possibilidade de causar um incêndio, por exemplo, já que são confeccionados de forma amadora.

O balão possibilita que essas pessoas transitem por vários espaços e cidades do estado de São Paulo e que façam amizades, que consigam visibilidade e *status*, mas também inimizades, principalmente com as supostas denúncias e no momento do resgate.

Percebe-se que o conflito está sempre presente, podendo levar a várias formas de violência, claro que isso ocorre em situações raras onde a disputa se intensifica. Segundo esses agentes a violência não é marcada apenas dentro do grupo, eles consideram que sofrem violência constantemente por serem tratados com criminosos.

Essas pessoas pertencem a uma sociedade marcada pela violência, pela disputa por *status* e por poder. Nesse sentido, como Sandra de Sá Carneiro (1986) também observou em sua pesquisa, a violência não é uma linguagem deles, mas da sociedade ampla em que se encontram inseridos. Para eles o balão, seria uma arte popular capaz de estabelecer relações de amizade e de solidariedade.

O Resgate é descrito como um momento de forte emoção, estimulado por uma concepção de desafio, de demonstrações de habilidades específicas como ser rápido e habilidoso o suficiente para chegar primeiro no balão, vencendo vários obstáculos e faturando o balão como um prêmio. O desafio aparece não apenas no resgate, mas em todos os momentos da prática do balão estando vinculado ao sentimento de realização e satisfação (CARNEIRO, 1986). Vencer desafios como a árdua produção de um balão esteticamente bonito, o clima e a polícia significa ser reconhecido como um artista na relação com seus pares, e isso marca a sua reintegração a sociedade, após a liminaridade, sob um novo *status*, por mais que continuem ocupando os seus papéis sociais de sempre e diariamente.

4.2 Mulheres no resgate

São raros os casos de mulheres que participam do resgate. Como demonstrado ao longo do trabalho, o mundo do balão é fortemente marcado pela masculinidade. Nos referindo às três etapas, fazer, soltar e resgatar, essa última certamente envolve mais valores e habilidades socialmente associados, e fortemente arraigados no senso comum, ao gênero masculino, como pilotar, correr, escalar e ir para o confronto.

Há casos de mulheres que chegam no regate e os homens presentes não as deixam participar do sorteio, como uma delas divulgou em redes sociais a tentativa de excluí-la do sorteio, mas ela argumentou com os presentes e alegou que fazia “*parte da arte*” e por fim ganhou o balão no sorteio.

Sara, jovem de 22 anos e que traz no ombro uma tatuagem de balão, umas das poucas baloeiras que conheci durante a pesquisa, pratica o resgate. Ela narrou que começou a soltar balão com quinze anos juntamente com amigos da escola e atualmente tem sua turma, confecciona e resgata balão. Segue narrando que em um de seus regates conseguiu capturar o balão que a sua turma havia soltado dentro de uma propriedade privada. Quando estava saindo com o balão foi abordada pela polícia que a levou para delegacia onde foi aberto um processo, mas isso não a desestimulou:

Tem adrenalinas diferentes em você fazer, soltar e ir atrás. E realmente ir atrás acaba sendo o mais emocionante.(...)

A gente leva multa, a gente toma prejuízo, mas parar a gente não para⁵⁸.

Alessandra, outra praticante de resgate, comenta que não ingressou no mundo do balão através de um namorado e ressalta que nunca se relacionou com um baloeiro, mas sim através de colegas. Ela já foi casada e durante este período se afastou do balão. Após se divorciar, Alessandra voltou a realizar resgate, mas agora com a ajuda de seu filho de quinze anos. Confessou que o que ela mais gosta no resgate é a emoção de pilotar à captura do balão, que e no momento de pegar o balão ou participar do sorteio pede que seu filho desça do carro e participe.

A exclusão das mulheres do sorteio também ocorre quando os homens se sentem prejudicados. Nesse sentido, Alessandra mandar o seu filho para a corrida até a boca do balão pode ser interpretado como uma maneira de fugir dessa exclusão que os homens praticam quando percebem que a sua competição aumenta, e acabam utilizando a questão do gênero, para diminuir o risco de perder.

Essas situações mostram que a presença de mulheres no resgate, principalmente das que chegam desacompanhadas é algo que os homens ainda não estão acostumados. Assim como Alexandre Pereira (2013) observou nos estudos sobre os pichadores, a prática do balão também é marcada por “padrões de um modelo de masculinidade hegemônica” (PEREIRA, 2013:98) relacionada a valores como virilidade e competição, no qual podemos considerar

⁵⁸ Entrevista realizada em maio de 2015.

que a presença das mulheres no resgate chama a atenção dos homens por fugir desse padrão. Recorrendo a Albar Zaluar (1985), Pereira (2013) retoma a questão da exibição de um *éthos* de masculinidade associados a força e a exaltação de uma dignidade masculina, que contribui com a prática de ações perigosas ou criminosas, encarado como algo admirável por boa parcela do gênero masculino. Assim, perder para uma mulher no momento de competição do resgate simboliza para muitos a perda deste *éthos*.

Considerações finais

Como o balão possibilita uma a formação de vários círculos sociais? Qual o sentido que essa atividade possui na experiência social dos indivíduos envolvidos? Essas foram as principais problemáticas que mobilizaram esse trabalho, que teve como objetivo compreender como essa prática ainda tem um lugar de destaque na vida cotidiana de uma metrópole como São Paulo mesmo sendo alvo de perseguições e de criminalização, pois haja vista que essa prática colabora com o surgimento de normas e valores de sociabilidade para um número relevante de pessoas.

O balão como um artefato cultural, se configura na atualidade como elemento vinculado ao lazer que possibilita a agregação de pessoas. Ao longo da pesquisa não foi possível estabelecer um número exato de turmas na cidade de São Paulo, isso devido a facilidade de formação, desagregação e a circulação dos indivíduos entre elas. Mas foi possível percebermos um pouco da dimensão da ação desses agentes quando vimos reunidas milhares de pessoas em festivais em parques, ginásios, ou centenas de pessoas acompanhando a soltura de um balão. Foi possível observar que as turmas de baloeiros surgem da associação voluntária desses indivíduos, numa proposta que envolve ao mesmo tempo interesses e sonhos individuais, tempos e atividades coletivas, que possibilitam a consolidação de identidade de um grupo que coletivamente valorizam o balão como “arte”. Ao mesmo tempo, esses agentes se articulam numa luta por reconhecimento dessa prática e defendem essa identidade, travando um forte combate com a legislação vigente.

Através das informações e da experiência da pesquisa de campo, pudemos construir uma análise sobre como esses sujeitos se apropriam do conceito de cultura para justificarem a sua prática. Nesse processo de “invenção da tradição” foi possível perceber diferentes concepções sobre arte, cultura e vida social. Essa prática ganha relevância devido a sua dimensão coletiva, devido ao conflito com a legislação vigente e demonstra a necessidade de compreensão do que movimenta essas pessoas em torno da prática do balão. Procuramos enfatizar e analisar os elementos específicos que compõem o mundo do balão e que nos dão a dimensão dessa prática como um modo de vida.

A partir dessa escolha buscamos analisar quais valores e significados simbólicos norteiam esse mundo. Através da fala nativa, o balão pode ser considerado como um conjunto de amizade, compromisso, emoção e desafio. O balão provoca vínculos e relações de sociabilidade entre os baloeiros, o que conseqüentemente colabora para o surgimento de laços de amizade que valorizam o compromisso e a responsabilidade para que, os sonhos e o

trabalho individual e coletivo não sejam prejudicados. O que faz com que esse mundo seja cercado de emoção é o desafio de projetar um sonho e para que ele se concretize é preciso dominar a técnica, a natureza (os ventos) e principalmente a polícia/legislação. Vencer esse desafio seja, na produção, na soltura ou no resgate possibilita que esses agentes alcancem o *status* de artistas se transformando em verdadeiros “*baloeiros de alma*”.

Por outro lado, o balão é descrito por seus criadores como um estilo de vida, isso possibilita, sob um ponto de vista antropológico, que ele seja considerado como muito mais do que um simples artefato, pois é carregado valores e significados para quem vivencia a prática. Visto também como uma forma de lazer, e defendido como coisa séria, o seu caráter ritual possibilita evidenciar o funcionamento de uma vasta rede de sociabilidade vivida por esses agentes. Assim como demonstra Carneiro (1986), o balão enquanto forma de lazer possibilita uma maior participação livre e social, permitindo a integração desses agentes à vida sociocultural, com uma identidade criada a partir de interesses comuns, baseada em códigos, convenções e terminologias próprias.

Os baloeiros também criam uma percepção de tempo própria baseada na soltura de balões. Essa dinâmica nos remete a ideia de tempo ecológico do estudo clássico de Evans Pritchard (2007) – Os Nuer. Assim como a relação com o gado organiza a vida social dos Nuers, a relação com o balão também constrói uma percepção de tempo que serve como um meio de orientação para os agentes desse grupo. Os baloeiros possuem maior facilidade em falar do tempo em relação às atividades que executam, sendo que frequentemente relembram a soltura de um balão como um demarcador cronológico da vida individual e do grupo, demonstrando assim que o balão permite a criação de uma percepção específica de tempo importante para a história coletiva desses atores, assim como para histórias um tanto quanto particulares, como a seguinte frase que escutei certa vez de Rafael em uma conversa informal: “*Eu finalizei um balão de 18 metros, que fiz quase todo o serviço sozinho, na mesma semana que minha filha nasceu*”. O que faz com que a confecção desse balão transforme-se num ativador cronológico e construtor de memória, que cria uma relação entre essa confecção e um acontecimento marcante na vida desse ator.

Dois momentos se tornaram cruciais no mundo do balão, o primeiro é o período antes de 1998, data da legislação que criminaliza a prática depois dela. Outro marco cronológico do mundo do balão em São Paulo é o ano de 1995 quando a turma Emenda realizou a soltura do balão do Ayrton Senna que passou a ser visto como o ponto inicial para o avanço dessa

atividade, pois serviu e serve como referência de dedicação, criatividade e domínio da técnica entre esses agentes.

Assim como a concepção de tempo, a concepção de espaço entre os Nuer se organiza a partir de referências ecológicas e a partir das relações de afinidade e aliança, e não necessariamente a partir das distâncias físicas. O balão também constrói uma rede extensa de relações o que possibilita que as fronteiras urbanas sejam superadas criando suas próprias percepções dos espaços. Essa concepção possibilita a compreensão das relações de parceria e companheirismo que os baloeiros de São Paulo estabelecem com os do Rio de Janeiro e principalmente com alguns baloeiros do México, no qual a distância física não é o suficiente para inibi-la ou prejudicá-las.

Por mais que essa pesquisa tenha se limitado a São Paulo é possível perceber que existe um vasto intercâmbio entre agentes de várias outras cidades e mesmo países. Nessa situação surge o ciclo da dádiva do balão. Assim como nas sociedades analisadas por Marcel Mauss (2004) as relações de troca possuem caráter voluntário, aparentemente livre e gratuito, e ao mesmo tempo obrigatório e interessado. Isso é evidente no mundo do balão pois envolve um vasto sistema de troca de favores que possibilita o surgimento e fortalecimento de alianças baseada no comprometimento e responsabilidade desses indivíduos.

Segundo Marcel Mauss (2004) o sistema da dádiva envolve três momentos: dar, receber e retribuir. É através da troca que os indivíduos mantêm uma relação entre si. Pensado no processo do balão o momento da soltura poder ser apreendido como o momento de *dar*, pois o lançamento possibilitam que outras pessoas *recebam* o balão no momento do resgate, e como o autor demonstra, o que se recebe não é inerte, pois mesmo após o recebimento ela precisa retornar a sua origem ou produzir algo equivalente ou que o substitua, como uma nova soltura, seja do balão resgatado ou de um novo balão. Assim, como no ritual do *kula* analisado por Malinowski (1976) a posse dos bens, no caso os colares e braceletes, era sempre temporária, e a retribuição por mais que não fosse imediata, era necessária. Este sistema de relação também ocorre no processo ritual do balão, que possibilita o ciclo da dádiva principalmente se levarmos em consideração que se trocam também favores, pois o mundo do balão envolve um comprometimento de agentes de diferentes espaços que se obrigam mutuamente.

Observamos que balão envolve um investimento financeiro muitas vezes alto, o que pode ser visto por uns como uma “loucura”, pois podem queimar e rasgar. Assim como o processo de troca apresentado por Mauss (2004), essas trocas correspondem às necessidades

específicas de seu mundo que não estão necessariamente atreladas à necessidades econômicas ou utilitárias. O que aproxima essa atividade da prática do *potlatch* (CARNEIRO, ANO) onde são valorizadas as considerações de ordem moral, social e estética. Outro aspecto do *potlatch* é a disputa que possibilita o engrandecimento daquele que dá mais fazendo com que aumente o seu *status* social. Essa disputa no mundo do balão é visível na competição para decidir quem solta mais, quem faz o balão mais bonito. O que nos auxilia na compreensão do mundo do balão como carregado de valores e significados que constroem sua lógica própria.

É o compartilhamento de ideias e valores sobre o balão, a responsabilidade o comprometimento, a emoção e os eventos que predominam no mundo do balão e que potencializam o sentimento de pertencimento.

Ao longo da pesquisa observamos elementos que possibilitam a saída e transformação de sujeitos da estrutura social, assim como Vitor Turner (1974) propôs nos estudos sobre ritual. A liminaridade aparece como uma análise possível para a compreensão de toda emoção que permeia o ritual do balão, assim como a percepção dos nativos sobre esse artefato, que apesar da suspensão da estrutura e de construções temporais não são tidas como parte separada da vida desses agentes. Nesse processo, esses indivíduos não se distinguem como pobres, ricos, professor, piloto ou empresário, todos se transformam em baloeiros, fortemente ligados por uma paixão comum.

A liminaridade nesse processo ritual possibilita a compreensão de um modo de vida, que muitas vezes passa despercebido no cotidiano de nossa sociedade, mas que surge a tona principalmente quando a mídia relata tragédias associadas a essa prática. Uma análise mais atenta desse debate travado entre os baloeiros e a legislação possibilita observar toda ação coletiva desses agentes, que engajados lutam para que a sua prática seja reconhecida como cultura popular e como arte. Sendo que, a luta não é apenas pelo fim de uma lei que os colocam na ilegalidade, mas também uma luta por identidade, pelo desejo de serem aceitos socialmente e considerados como artistas. Lembrando que não se trata aqui de comprar o discurso do nativo, mas sim do exercício de compreender como os baloeiros utilizam-se do conceito de cultura e como isso implica na sua prática, na qual percebemos que o conceito acaba se transformando numa arma política para esses agentes.

Através da experiência etnográfica ficou claro que a presença feminina nesse mundo ainda gera muitos impasses. Por mais que esse não fosse o principal recorte dessa pesquisa não podia ser ignorado, pois como foi possível observar a questão do gênero, ainda interfere na dificuldade enfrentada pelas baloeiras por estarem inseridas num mundo marcado pela

masculinidade, como até mesmo na forma como é construído o conhecimento antropológico, pois a maneira como ocorreu a minha inserção no campo retrata uma situação que possibilita a análise de aspectos que provavelmente não seriam vivenciadas se realizada por alguém do gênero masculino.

O exercício da prática desses agentes é expresso em roupas, nos corpos tatuados, nos adereços que carregam (enfeites em carros, em casa, relógios, capa de celular, etc.), mas que só adquirem aspecto de comunicação entre seus pares. São características que representam um estilo de vida demarcado por valores e regras específicas que demonstram um ritual desde a formação e a ação da turma na bancada, o modo como dividem as tarefas, a maneira como se organizam na soltura e no tenso momento do resgate. Nota-se que essa prática envolve amplas relações de sociabilidade que abrange não apenas os apaixonados por balão, mas também familiares e pessoas de espaços e origens distintas, unidos pela paixão ao balão.

Podemos considerar que esse trabalho contribui com um debate referente aos estudos antropológicos urbanos, pois traz as particularidades e modo de vida de um grupo que destaca a sua ação no cenário metropolitano, principalmente de São Paulo como foi recortado na pesquisa. Como nos sugere Magnani (2008), o cenário não é um conjunto de elementos físicos, nem um palco que os atores encontram pronto, mas sim um produto de “*práticas sociais anteriores e em constante diálogo com as atuais, favorecendo-as, dificultando-as e sendo continuamente transformado por elas*” (MAGNANI, 2008:37). Sendo assim, delimitar o cenário é identificar marcos, reconhecer divisas e pontos de intersecção em relação com a prática cotidiana dos atores que usam esse espaço, e não apenas em relação da presença ou ausência de equipamentos e estruturas físicas. A partir da etnografia das sociabilidades estabelecidas e da organização no cenário dos baloeiros, podemos observar e analisar o sentimento e o engajamento desses atores que nos permite perceber diferentes concepções das que já estão pré estabelecidas pela sociedade.

Por fim, as considerações que faço nesse momento é que “*O balão é algo que marca*”, como escutei certa vez de um interlocutor na pesquisa e ressaltada pelo professor Lindomar Albuquerque ao realizar sua leitura do meu trabalho. Ele *marca* um grupo e toda a sua concepção de cultura, na qual os integrantes se apropriam desse conceito sob uma concepção que possibilita enxergarmos a sua identidade, o engajamento e a sua ação enquanto grupo fortemente ativo. *O balão marca* uma legislação no qual as tragédias associadas a sua prática geram todo um debate público que procura combater e extinguir esse tipo de prática. *O balão marca o corpo*, sejam por cicatrizes, tatuagens, ou até as vestimentas que representam

características de códigos de comunicação desse grupo. *O balão marca* a memória, pois traz imagens de momentos que dão sentido a toda percepção de tempo dessas pessoas, fazendo com que suas memórias se articulem com o presente na construção de seus projetos de vida organizados a partir de suas experiências socioculturais, de códigos e interações interpretadas (VELHO, 1986). Assim, *o balão é algo que marca* a vida das pessoas, seus sonhos, seus projetos e suas paixões, sua forma de atuar no mundo.

Anexo I - Estrutura de um Balão com Bandeira

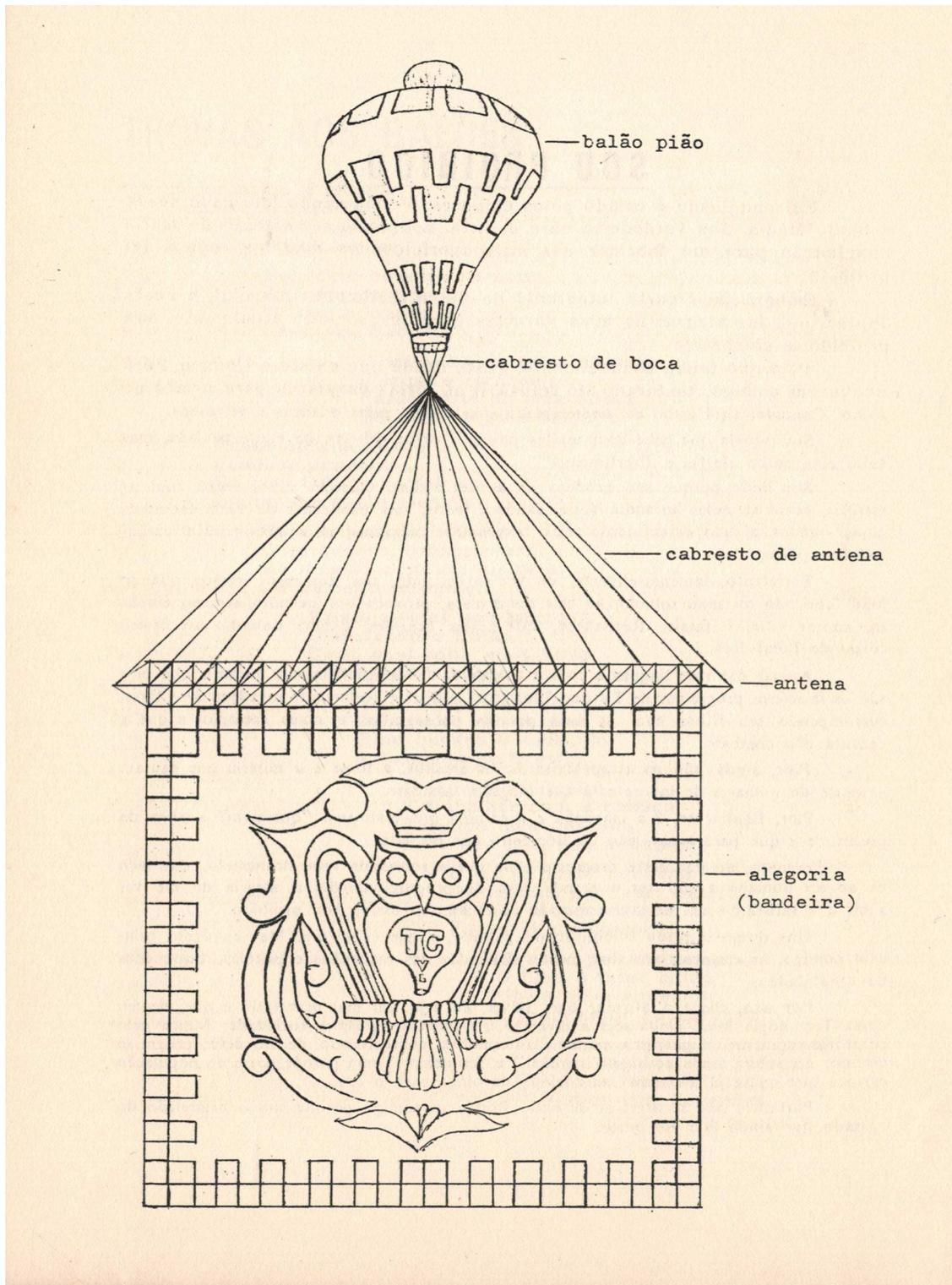
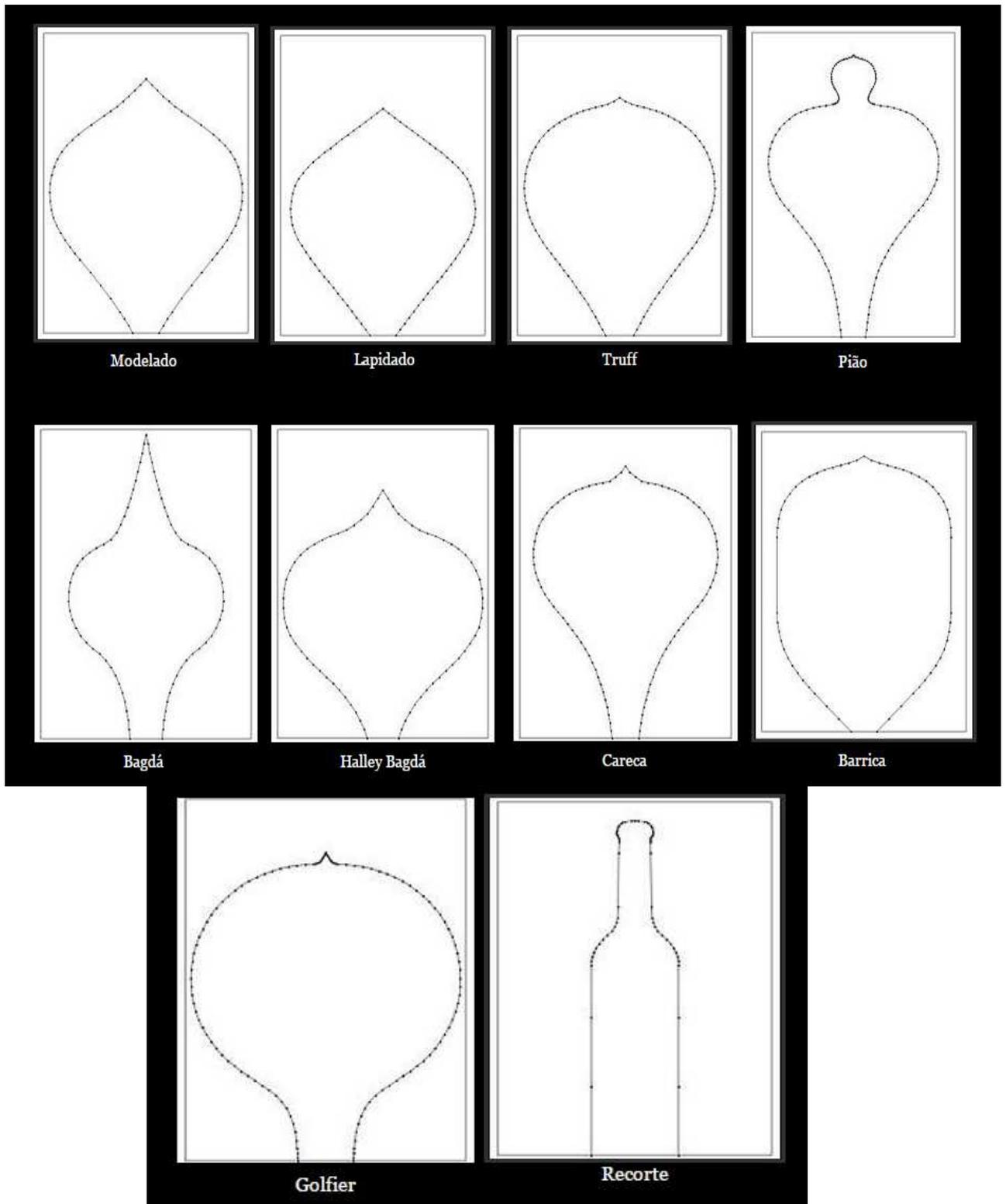


Imagem retrada do Anexo do livro “Balão no céu, alegria na terra: estudo sobre a representação social dos baloeiros”. Sandra Maria Corrêa de Sá Carneiro, Rio de Janeiro: FUNART- Instituto Nacional do Folclore, 1986.

Anexo II – Formatos de Balões

Modelos disponíveis em <http://www.radioamigosdobalao.com/#!/moldes/c17gf>. Acesso em 13/10/2014.

Anexo III – Glossário

Antena: Estrutura produzida com varas de madeira utilizada para carregar a armação ou a bandeira.

Aranha: Estrutura feita com arame, no formato de um cone, utilizada para prender a bucha e se encaixa na boca do balão.

Bandeira: imagem formada através de papel que é carregada pelo balão.

Bancada: móvel semelhante a uma mesa utilizado para confecção de balão.

Bico: peça feita com isopor papel utilizada para fechar a parte de cima do balão.

Boca: Círculo produzido com arame e preso na abertura inferior do balão. Serve como base de sustentação para a bucha.

Bucha: artefato que mantém o fogo no interior do balão. Produzido normalmente com algodão, estopa ou papel higiênico embebidos em parafina.

Campo: local afastado de centros urbanos utilizado para a soltura de balão.

Dentista: pessoas que dizem fazer parte da turma, mas que aparecem apenas no dia da soltura para tirar foto com a mão na boca do balão.

Fio Dental: fios, em sua maioria de nylon, utilizados para ligar a antena ao balão.

Gaiola: estrutura em forma de caixa ou bandeja feita com varetas semelhantes a flechas, onde são fixados os fogos carregados pelo balão.

Gomos: secção da superfície do balão.

Lanterninhas: semelhante a um copo é produzido com papel de seda e uma base resistente, seja cartolina ou isopor. Carrega velas pequenas através de um suporte semelhante a um castiçal.

Leque: pedaço pequeno de papel com o desenho do balão e com medidas que o dará a sua forma.

Língua da Bobina: pessoas que espalham informações, alguns vezes falsas, sobre a confecção e a data de solturas de balões.

Rede: malhas produzidas com cordas, onde são presas as lanterninhas.

Referências Bibliográficas

AIRES DA COSTA, Grasielle. *O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações*. In: v. 3, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/aspas/article/view/68385>

BARBOSA, Andréa; CUNHA, Edgar. *Antropologia e imagem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BECKER, Howard. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya. *Entre saias justas e jogos de cinturas: gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes do fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009

CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. *Balão no céu, alegria na terra: estudo sobre as representação social dos baloeiros*. Rio de Janeiro: FUNART-- Instituto Nacional do Folclore, 1986.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com Aspas*. São Paulo, Cosac & Naify, 2009.

CAMPOS, Judas Tadeu. *Festas juninas nas escolas: Lições de preconceitos*. Campinas: Educ. Soc., vol. 28, n. 99, p. 589-606, maio/ago. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> .

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GELL, Alfred. A tecnologia do encanto e o encanto da tecnologia. *Concinnitas*, ano 6, volume 1, número 8, p. 41-63, julho 2005.

HOBSBAWN, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições”. In: HOBSBAWN, E. e RANGER, T. (org.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

LACERDA, Eugênio Pascele. *Os usos do folclore: o propósito da polêmica sobre a farra do boi no Brasil*. Disponível em: <http://nea.ufsc.br/artigos/artigos-eugenio/>. Acesso em 27/05/2015.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator rede*: Salvador, EDUFBA, 2012.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: Cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Hucitec / UNESP, 2003.

_____, *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, EDUSP, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. (Introdução). São Paulo: Abril Cultural, 1976 [1922].

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva”. In: *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, Cosac & Naify, 2004.

MELUCCI, Alberto. *Um objetivo para os movimentos sociais?* São Paulo: Lua Nova, 1989.

_____. *A invenção do presente*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MORAES, Lucas Lopes de. “Hordas do Metal Negro”: *Guerra e Aliança na Cena Black Metal Paulista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.

PEIRANO, Maria. *Rituais ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Quem não é visto, não é lembrado: sociabilidade, escrita, visibilidade e memória na São Paulo da Pixação*. Cadernos de Arte e Antropologia, Vol. 1, nº 2, 2012.

_____. *Cidade de riscos: notas etnográficas sobre pixação, adrenalina, morte e memória em São Paulo*. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2013, V. 56 Nº 1.

PINTO, Humberto. “*Cartilha do Balão: Balão a arte do Povo*”. Disponível em <http://www.planetabalao.com/cartilha/cartilha.htm>. Acesso em 15 de maio de 2012.

SAHLINS, Marshal. *O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção*. Mana 3/1 e 3/2, 1997.

SIMMEL, Georg, *O conflito como sociação*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30, pp. 568-573. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>, 2011.

TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre os torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: J.G. Magnani e L.L. Torres (orgs.), *Na Metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP: 124-155, 2008.

TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Petropolis: Ed. Vozes, 1974.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *A utopia urbana: estudo de antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar, 5ª Ed. 1989.

SITES:

<http://www.planetabalao.com/cartilha/cartilha.htm>.

<http://www.bombeirosemergencia.com.br/soltarbalao.html>

<http://zonaderisco.blogspot.com.br/2013/06/com-aproximidade-do-inverno-e-das.html>.

<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/imagens-do-dia/2014/01/25/imagens-do-dia---25-de-janeiro-de-2014.htm#fotoNav=13>.

<http://noticias.band.uol.com.br/jornaldaband/videos/2015/06/23/15516046-numero-de-acidentes-com-baloes-aumenta-em-30-em-epoca-de-festa-junina.html>

<http://www.planetabalao.com/colunistas/japa/materia02/materia02.htm>

<http://www.planetabalao.com/balaodavez/gelo/index.htm>

<http://revistacrescer.globo.com/Revista/Crescer/0,,EMI8904-10531,00.html>

<http://www.obrasileirinho.com.br/brincar-criancas/brincadeira-soltar-pipa/>

http://www.corelmania.com.br/portal/index.php?option=com_kunena&func=view&catid=8&id=6655&Itemid=90

<http://www.televideoteca.com.br/rede-globo/sptv-2a-edicao/investigadores-monitoram-os-baloeiros-pelas-redes-sociais-82201>

<http://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2015/06/policia-apreende-megabalao-e-multa-grupo-de-35-pessoas-em-morungaba.html>

<http://globoplay.globo.com/v/2844517/>

<http://www.planetabalao.com/colunistas/humberto/materia18/materia18.htm>

<http://gazetadobalao.com.br/pegar-balao-e-crime/>

<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/11/policia-prende-baloeiros-em-flagrante-em-jacarei-sp.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=9c74r4FRLzk>

https://www.youtube.com/watch?v=_fAWtnG_clg

<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1188281-balao-sobrevoa-cidade-e-cai-na-regiao-central-de-sao-paulo.shtml>

<http://www.guarulhosweb.com.br/noticia.php?nr=58374>

FILMOGRAFIA

"Les Ballons Pirates de Rio". Direção: Etienne Chambolle. França, 2004.